

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE HISTÓRIA

Janaína Júlia Langaro

UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DE LOTTA MACEDO SOARES E  
ELIZABETH BISHOP ATRAVÉS DA LITERATURA E DO CINEMA

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção de título de Licenciada em História.

Orientadora: Profa. Dra. Jacqueline Ahlert

Passo Fundo/RS

2018.

Janaína Júlia Langaro

UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DE LOTTA MACEDO SOARES E  
ELIZABETH BISHOP ATRAVÉS DA LITERATURA E DO CINEMA

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção de título de Licenciada em História.

Orientadora: Profa. Dra. Jacqueline Ahlert

Passo Fundo/RS

2018

Para Daniela Dametto.

Como fica forte uma pessoa quando está segura de ser amada.

Sigmund Freud

## AGRADECIMENTOS

[...] Porque é tamanha bem-aventurança  
O dar-vos quanto tenho, e quanto posso,  
Que quanto mais vos pago, mais vos devo.  
(Luís Vaz de Camões)

Este espaço, aguardado e importante, é o momento em agradeço imensamente a professora Jacqueline Ahlert por ter sido, desde o terceiro semestre de curso, uma presença e inspiração constante. Por me orientar durante a confecção deste trabalho, por me dar autonomia na pesquisa, por tecer seus comentários precisos, por todo o carinho e empatia dispostos, muito obrigada.

A professora Gizele Zanotto pelo empenho e ajuda na escolha do meu tema de pesquisa e as professoras Flávia Caimi e Ironita A. P. Machado por mostrarem na prática o quanto a docência pode ser enriquecedora e prazerosa. Estendo o agradecimento aos demais docentes do Curso de História da Universidade de Passo Fundo.

Aos meus pais, Elaine e Olivio, pelos incentivos, puxões de orelha e todo amor depositado em mim. Sou o que sou, também, por vocês.

Obrigada Alice Pandolfo Maia e Larissa Henrique pela bela amizade que construímos que me tornou uma pessoa mais rica e a Raquel Júlia Dalmina por compartilhar as conversas e cochilos na volta para casa e por estar comigo desde a 5ª série. Aos demais colegas do curso estendo meu agradecimento pela convivência e troca de experiências.

Ao Fernando do Instituto Lotta do Rio de Janeiro pelas conversas via WhatsApp, indicações de bibliografia, relatos da vida de Lotta e envio de documentos.

Meu agradecimento se estende a todos os motoristas de ônibus, pessoas que me deram carona e colegas de trabalho que me acompanharam até aqui.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Elizabeth Bishop e Lotta por volta dos quarenta anos. Foto: sem autoria. Disponível no site: <a href="https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/romance-entre-elizabeth-bishop-e-lota-soares-e-tema-de-filme-com-gloria-pires/">https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/romance-entre-elizabeth-bishop-e-lota-soares-e-tema-de-filme-com-gloria-pires/</a> . Acessado em 20 ago. 2018.	13
Figura 2	Lotta conversa com trabalhadores. Foto: sem autoria. Disponível no site: <a href="https://www.ibahia.com/detalhe/noticia/gloria-pires-protagoniza-cenas-de-sexo-lesbico-em-flores-raras-conheca-o-filme/">https://www.ibahia.com/detalhe/noticia/gloria-pires-protagoniza-cenas-de-sexo-lesbico-em-flores-raras-conheca-o-filme/</a> . Acessado em 20 ago. 2018.	14
Figura 3	Primeira aparição de Elizabeth Bishop (FLORES RARAS, 2013).	14
Figura 4	Elizabeth Bishop lava os cabelos de Lotta (FLORES RARAS, 2013).	25
Figura 5	Lotta, Elizabeth Bishop e Mary Morse jantam (FLORES RARAS, 2013).	26
Figura 6	Poste do Parque do Flamengo se acende ao anoitecer (FLORES RARAS, 2013).	30
Figura 7	Elizabeth Bishop observa a iluminação do Parque do Flamengo (FLORES RARAS, 2013).	30
Figura 8	Elizabeth Bishop assiste de longe Lotta discutir com Carlos Lacerda (FLORES RARAS, 2013).	32
Figura 9	Lotta escreve enquanto seu pai José Eduardo lê (FLORES RARAS, 2013).	34
Figura 10	Elizabeth Bishop desabotoa a camisa de Lotta (FLORES RARAS, 2013).	39
Figura 11	Elizabeth Bishop tenta se cobrir (FLORES RARAS, 2013).	41
Figura 12	Lotta tira satisfações com Elizabeth Bishop (FLORES RARAS, 2013).	42
Figura 13	Lotta e Mary Morse se abraçam (FLORES RARAS, 2013).	47
Figura 14	Elizabeth Bishop morde um caju (FLORES RARAS, 2013).	47
Figura 15	O barco de Lotta enrosca no cabelo de Mary Morse (FLORES RARAS, 2013).	49
Figura 16	Lotta conversa com Elizabeth Bishop sobre barcos e seu pai, José Eduardo (FLORES RARAS, 2013).	52
Figura 17	Lotta discute com o governador Carlos Lacerda (FLORES RARAS, 2013).	53

2013).

Figura 18	Lotta dá banho em Elizabeth Bishop (FLORES RARAS, 2013).	55
Figura 19	Bishop observa meninos jogar futebol no tanque de nautimodelismo vazio (FLORES RARAS, 2013).	56
Figura 20	Lotta discute com Elizabeth Bishop (FLORES RARAS, 2013).	57
Figura 21	Elizabeth Bishop atende uma ligação de Lotta (FLORES RARAS, 2013).	58
Figura 22	Lotta chega aos EUA (FLORES RARAS, 2013).	59
Figura 23	Elizabeth Bishop acena para Lotta (FLORES RARAS, 2013).	59
Figura 24	Elizabeth Bishop é abraçada por Robert Lowell (FLORES RARAS, 2013).	60
Figura 25	Um barco afunda no lago do Central Park (FLORES RARAS, 2013).	60

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Tabela Livro Flores Raras e Banalíssimas	67
Tabela 2	Tabela descritiva do filme Flores Raras	77

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso se ancora em duas fontes da literatura e do cinema para debater as representações acerca do relacionamento amoroso de Lotta de Macedo Soares e Elizabeth Bishop, entre os anos de 1951 e 1967. Estas duas mulheres, arquiteta brasileira autodidata e poeta estadunidense, respectivamente, são as protagonistas do livro *Flores Raras e Banalíssimas* de Carmen L. Oliveira e do filme *Flores Raras*, dirigido por Bruno Barreto. Desenvolvido em três capítulos, o primeiro traz as justificativas do uso das fontes pelo viés da História Cultural, o segundo trabalha com a contextualização do ambiente em que o casal viveu e o último traz a análise de como foram retratadas as duas personagens e sua vida em comum, na literatura e no cinema. Considerando as vantagens das expressões artísticas apontamos a visibilidade dada aos relacionamentos afetivos entre mulheres lésbicas enquanto, como contrapartida ou devido aos limites inerentes a cada representação, evidenciamos que a narrativa fílmica tornou as duas mulheres, feitas personagens, mais simples e menos interessantes do que foram.

## ABSTRACT

This Work of Conclusion of Course is anchored in two sources of Literature and the cinema to debate the representations about the love relationship of Lotta de Macedo Soares and Elizabeth Bishop, between the years of 1951 and 1967. These two women, autodidact Brazilian architect and poet are the protagonists of the book *Flores Raras y Banalíssimas* by Carmen L. Oliveira and the film *Flores Raras*, directed by Bruno Barreto. Developed in three chapters, the first one provides the justifications for the use of the sources by the bias of Cultural History, the second works with the contextualisation of the environment in which the couple lived and the last one brings the analysis of how the two characters were portrayed and their life in common in literature and cinema. Considering the advantages of the artistic expressions, we point out the visibility given to the affective relationships between lesbian women, while, as a counterpart or due to the inherent limits of each representation, we show that the film narrative made the two women, made characters, simpler and less interesting than they were.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>Lotta de Macedo Soares.....</b>	<b>8</b>
<b>Elizabeth Bishop.....</b>	<b>10</b>
<b>As personagens reais e suas intérpretes.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 1 - O USO DE NARRATIVAS LITERÁRIAS E CINEMATOGRAFICAS COMO FONTES HISTÓRICAS.....</b>	<b>15</b>
<b>1.1 - Os limites da representação para se contar uma história.....</b>	<b>16</b>
<b>1.2 - Os limites da narrativa: caminhos entre o documental e o ficcional.....</b>	<b>18</b>
<b>1.3 - A representação literária: relações entre a biografia e a história.....</b>	<b>20</b>
<b>1.4 - Os limites da representação do tempo: seus usos na literatura e no cinema.....</b>	<b>22</b>
<b>1.5 - A construção das personagens: seus contornos na literatura e no cinema.....</b>	<b>24</b>
<b>1.6 - A música e o cinema: um diálogo com as territorialidades e os sentidos.....</b>	<b>27</b>
<b>CAPÍTULO 2 - UM CONTEXTO EM ANÁLISE: A AMBIÊNCIA HISTÓRICA NO LIVRO E NO FILME.....</b>	<b>30</b>
<b>2.1 - Carlos Lacerda.....</b>	<b>30</b>
<b>2.2 - José Eduardo de Macedo Soares.....</b>	<b>32</b>
<b>2.3 - O Modernismo e a urbanização da cidade do Rio de Janeiro.....</b>	<b>33</b>
<b>2.4 - O gênero como definidor de vivências no Brasil dos anos 1950-1960.....</b>	<b>36</b>
<b>2.5 - Elementos profissionais e suas representações.....</b>	<b>41</b>
<b>2.6 - As relações entre a literatura, o cinema e a representação.....</b>	<b>43</b>
<b>CAPÍTULO 3 - AS REPRESENTAÇÕES DE LOTTA E BISHOP NA LITERATURA E NO CINEMA.....</b>	<b>44</b>
<b>3.1 - A construção da relação das duas.....</b>	<b>45</b>
<b>3.2 - As diferenças das narrativas literária e cinematográfica.....</b>	<b>60</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>64</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>67</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho, sob influência direta dos estudos da História Cultural, se propõe a realizar uma análise histórica e comparativa acerca da representação da vida social, afetiva e profissional, na literatura e no cinema, de duas grandes mentes de seus países: a arquiteta e urbanista autodidata brasileira Maria Carlota Costallat de Macedo Soares e a poeta estadunidense Elizabeth Bishop.

Neste trabalho, as principais fontes são o livro *Flores Raras e Banalíssimas: a história de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop*, publicado no ano de 1995 por Carmen Lucia Oliveira e baseado nele, o filme *Flores Raras*, lançado no ano de 2013 e dirigido por Bruno Barreto. Nas duas obras ocorre um recorte temporal no qual a ênfase se coloca sobre os anos em que as duas personagens mantiveram um relacionamento amoroso.

Estruturado em capítulos, abordamos no primeiro acerca do uso da narrativa literária e cinematográfica pela história, trabalhando sobre seus limites, possibilidades e particularidades.

No segundo capítulo, focamos no contexto em que as obras são ambientais: a sociedade carioca dos anos 1950-1960. Achamos importante esta abordagem para que pudéssemos encontrar certos costumes e concepções mais enraizadas nas pessoas da época a fim de entender as personagens e suas ações.

Por fim, no terceiro e último capítulo, fazemos a análise das representações literária e fílmica, da história de amor entre Lotta de Macedo Soares e Elizabeth Bishop na década de 1950-1960.

Para ilustrar algumas cenas que consideramos importantes, foram incluídas capturas de tela do filme *Flores Raras* e também trechos da narrativa feita por Oliveira.

Nosso objetivo de compreender as escolhas de representação da vida das protagonistas das obras, faz necessário que a apresentemos, relatando brevemente as suas biografias.

### **Lotta de Macedo Soares**

Maria Carlota Costallat de Macedo Soares, mais conhecida como Lotta e tratada neste trabalho como tal, foi uma arquiteta e urbanista autodidata nascida em Paris no dia 16 de março de 1910. Seu nascimento naquela cidade se deu por conta do trabalho de seu pai José

Eduardo de Macedo Soares, que na época era tenente da Marinha. Ainda em Paris sua irmã Maria Elvira nasceu dois anos depois (SIMAS, 2016, p. 14).

Já no ano de 1912, José Eduardo deixou a Marinha e voltou com a família para o Rio de Janeiro. Neste estado ele funda, segundo verbete do CPDOC, com moldes modernos, o jornal de nome *O Imparcial*. Dois anos depois, a intervenção federal no Ceará e o estado de sítio são decretados pelo presidente Hermes da Fonseca. Ele e os outros donos de jornais são presos por suas atuações jornalísticas contrárias ao governo, assim como *O Imparcial* e o *Correio da Manhã* são fechados (FGV, 2018). José Eduardo conseguiu fugir da prisão e rumou à São Paulo. De volta ao Rio de Janeiro foi eleito deputado federal no ano de 1915, se reelegendo em 1918 e 1921.

Anos depois se envolveu na Revolta Tenentista de 1922 ocupando a Companhia Telefônica de Niterói. Com o revidar do governo, se refugiou na embaixada da Argentina. No final do mesmo ano acabou preso em Maricá, Rio de Janeiro, de onde conseguiu fugir (FGV, 2018). A perseguição política à José Eduardo, levou-o a se exilar junto com a sua família na Europa. Lotta estudou em escolas de freiras até 1928, quando pode retornar ao Brasil com a família.

Com dezoito anos ela passou a dividir um apartamento com outros amigos (SIMAS, 2016, p.16) e, na década de 1930, a estudar pintura na Universidade do Distrito Federal tendo como professor Cândido Portinari. Como sua família materna era grande proprietária de terras e com nível de vida elevado, Lotta pode se dedicar com afinco e integralidade aos estudos, principalmente em relação à arquitetura onde seu talento se mostrava mais efetivo (NOGUEIRA, 2008, p. 96).

Para além do curso de pintura com Portinari, Lotta fazia diversas viagens ao exterior, chegando a morar por algum tempo em Nova Iorque. Na cidade conheceu o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, ficou amiga da diretora das Exposições Circulantes do Museu e de volta ao Brasil, passou a organizar uma mostra de artistas brasileiros (Ibidem, p. 101).

Organizar o *Artistas Brasileiros Reunidos* ia ao encontro das ideias de Lotta acerca da arte: facilitar o acesso à arte produzida por brasileiros e também, fazer com que os artistas pudessem viver de forma digna através do seu trabalho (SIMAS, 2016, p. 20).

Depois da experiência com o *Artistas Brasileiros Reunidos*, nasceu o projeto de criação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, no qual Lotta foi uma das principais fomentadoras. Ao final dos trabalhos como fundadora, ela acabou não assinando a ata de fundação do museu devido ao resultado final: queria realizar mostras itinerantes dando acesso ao público menos envolvido com as artes, ideia que acabou de fora do projeto (Ibidem, p. 24).

Depois da atuação na fundação do museu, com as terras herdadas de sua mãe Adélia, Lotta se propôs a lotear a área da Fazenda Samambaia, interior de Petrópolis. Como Elizabeth Bishop em carta, narra à Ilse e Kit Barker, Lotta também se dedicou a construir “uma casa moderna, grande e sofisticada, numa encosta de granito negro ao lado de uma cascata [...]” (BRITTO, 1995, p. 239).

Esta casa à qual Bishop se referia foi erguida na serra de Petrópolis entre os anos de 1951 e 1957, idealizada por Lotta e projetada por Sérgio Bernardes e que ganhou, pelo seu projeto, a II Bienal de São Paulo do ano de 1954, na categoria de arquitetos de até 40 anos (NOGUEIRA, 2008, p. 106).

No âmbito profissional, podemos dizer que o principal trabalho de Lotta foi o de comandar as obras que transformaram o aterro do desmanche do Morro Santo Antônio no Parque do Flamengo. Obra modernista reconhecida mundialmente e à qual se dedicou durante o mandato do governador de Carlos Lacerda, que também era um de seus amigos mais próximos (NOGUEIRA, 2008, p. 127).

Em relação ao Parque do Flamengo, segundo Nádia Nogueira, Lotta carregou todas as responsabilidades referentes à obra na intenção de que os integrantes do grupo comandado por ela e chamado Grupo de Trabalho, pudessem realizar seu ofício sem atrapalhos e sem desviar do objetivo. Tais integrantes teriam sido nomeados pela arquiteta a partir da capacidade profissional de cada um e não por vínculos de amizade (2008, p. 129).

No recorte temporal dos objetos do presente trabalho, na questão pessoal e afetiva, Lotta manteve um relacionamento amoroso com a bailarina estadunidense Mary Morse até 1951 e com Elizabeth Bishop entre 1951 e 1967, ano de sua morte.

Pontuamos que serão encontradas citações em que o apelido de Maria Carlota será escrito de forma diferente. O presidente do Instituto Dona Lotta solicita que se escreva com duas letras “t”, conforme sua assinatura, enquanto a autora Carmen L. Oliveira utiliza a grafia Lota. Decidimos por acatar a orientação do instituto que leva o nome da arquiteta quando somos nós quem falamos e seguir a escrita de Oliveira quando as citações advirem de suas obras.

## **Elizabeth Bishop**

A poeta nasceu no dia 8 de fevereiro de 1911 na cidade de Worcester, estado de Massachusetts, EUA. Seu pai morreu quando tinha oito meses de vida e sua mãe quando tinha

dezessete, entretanto Bishop perdeu contato com a mãe aos cinco anos quando a mesma foi internada em um hospital psiquiátrico (BISHOP, 2012, p. 13).

Desta forma, de acordo com seu principal tradutor no Brasil, Paulo Henriques Britto, Elizabeth Bishop passou toda a infância morando na casa de parentes. Primeiramente com os avós maternos até completar seis anos, posteriormente com os avós paternos e por fim com uma tia.

Segundo Britto, com a família materna, de condições econômicas mais restritas Bishop passou anos agradáveis na Nova Escócia. Com a mudança de casa e de estado, quando voltou à Massachusetts, teria passado a se sentir como um peso na vida de sua família. nesse contexto começam as crises de asma que a acompanharam durante toda a vida (Ibidem, p. 13). Uma constante na vida da poeta estadunidense eram as viagens, pois, segundo Britto:

A possibilidade de viajar, conhecer lugares e pessoas é o lado positivo da condição solitária: entre 1934, data da sua formatura, e 1938, quando se fixa por nove anos em Key West, Bishop viaja pelo Canadá, França, Inglaterra, Itália, Marrocos e Espanha (BISHOP, 2012, p. 13-4).

Muitas viagens da poeta, logo após a faculdade, foram na companhia de Alice Methfessel que foi sua colega de faculdade e namorada por alguns anos. Foi durante a graduação que ela começou a se relacionar amorosamente com mulheres e conheceu Mary Morse que morava com Lotta de Macedo Soares no alto da serra de Petrópolis.

O primeiro prêmio de Elizabeth por seus escritos foi através da redação “*Americanism*” no ano de 1923, num concurso promovido pela *American Legion* organização de ex-combatentes norte-americanos (BISHOP, 1995, p. 26). A segunda premiação é de 1934, mesmo ano da morte da mãe, por seus poemas publicados na revista de literatura *Hound & Horn*.

Entre setembro de 1949 e setembro de 1950, foi consultora de poesia na Biblioteca do Congresso em Washington (Ibidem, p. 26). Como era um cargo de grande envergadura, conforme narram seus biógrafos, Bishop questionava constantemente a sua capacidade para exercê-lo. Este período lhe trouxe uma crise de ansiedade e de alcoolismo que a levaram a se isolar numa colônia de escritores (NOGUEIRA, 2008, p 161).

No início de dezembro de 1951, Elizabeth Bishop embarcou no navio *Blowplate* e depois de dezesseis dias navegando, chegou ao porto de Santos e rumou ao Rio de Janeiro. Num domingo de 1951, Lotta Macedo Soares desceu a serra de Petrópolis para buscá-la. Até então eram apenas conhecidas (Ibidem, p. 24).

De início conhecida, depois amiga e por fim esposa de Lotta, Bishop permaneceu no Brasil entre os anos de 1951 e 1967. Morando no alto da serra de Petrópolis escreveu grande parte da sua obra poética, recebeu o Prêmio Pulitzer de Literatura em 1956 e publicou a tradução do livro *Minha Vida de Menina* de Alice Brant (MONTEIRO, 2013, p. 20).

Depois da morte da companheira, Bishop retornou definitivamente para os EUA onde deu aulas de poesia e publicou mais algumas obras de poema e prosa. Em 1978, aos 68 anos de idade, faleceu em decorrência de um aneurisma cerebral (Ibidem, p. 21).

### **As personagens reais e as suas intérpretes**

Temos a proposta de analisar as representações de duas mulheres que conviveram por quase duas décadas e das quais, devido à época em que viveram e suas escolhas pessoais, acabaram quase invisibilizadas. A imagem abaixo traz a fotografia das duas por volta dos quarenta anos de idade.

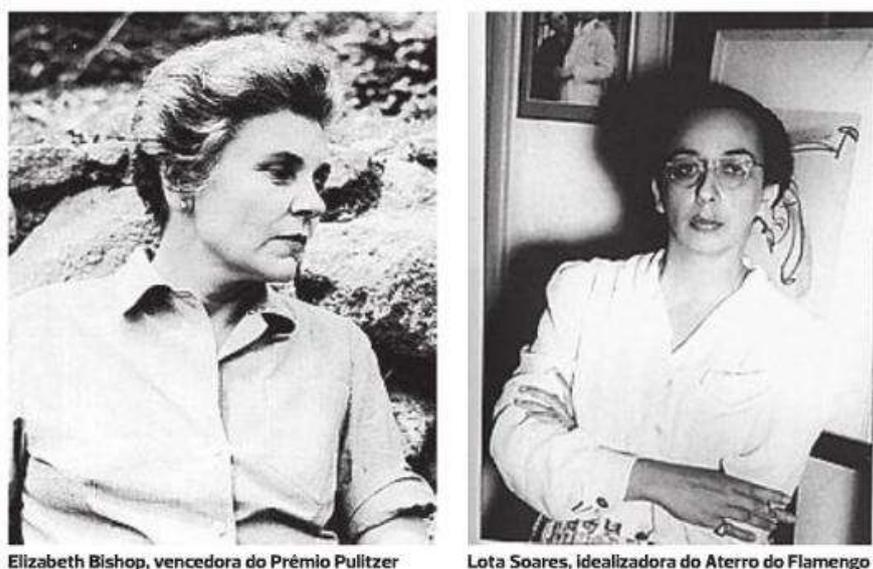


Figura 1. Elizabeth Bishop e Lotta por volta dos quarenta anos. Foto: sem autoria. Disponível em <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/romance-entre-elizabeth-bishop-e-lota-soares-e-tema-de-filme-com-gloria-pires/>. Acessado em 20 ago. 2018.

Elizabeth Bishop nem chega a encarar a câmera enquanto Lotta de Macedo Soares cruza os braços e olha com firmeza em direção a ela. Estas fotos tendem a indicar as diferentes personalidades que cada uma expressava e que são amplamente exploradas tanto na literatura como no cinema.

É curioso pensar que não existem - não foram encontradas na internet - fotografias das duas juntas, como um casal. Elas que, aparentemente, não sofriam com o preconceito da alta

sociedade carioca nem dos empregados da casa e que até mesmo compartilhavam a escrita de cartas ou a tradução de livros, não foram retratadas juntas.

Para a representação fílmica das duas personagens, foi necessária a escolha de atrizes que tenham certa similaridade física com as personagens. Estas características descritas na literatura contribuíram para o resultado estético do filme.

O fato da personagem de Lotta ser encenada pela atriz brasileira Glória Pires tem a vantagem da semelhança física, já que a brasileira tem a pele morena e cabelos negros e sendo também condizente a sua estatura em relação à outra atriz (1,60 a 1,65 m).



Figura 2. Lotta conversa com trabalhadores. Foto: sem autoria. Disponível no site: <https://www.ibahia.com/detalhe/noticia/gloria-pires-protagoniza-cenas-de-sexo-lesbico-em-flores-raras-conheca-o-filme/>. Acessado em 20 ago. 2018.

Brasileira, Glória tem como língua-mãe o português, mas atuou no filme em inglês. Esta era uma característica da própria Lotta que só se comunicava com Bishop em inglês. Oliveira chega a citar a impressão de Bishop acerca da linguagem da brasileira: “Lota a intrigava. [...] Expressava-se em inglês com grande fluência. Se errava, errava também com fluência (1995, p. 23)”.



Figura 3. Primeira aparição de Elizabeth Bishop no filme. Flores Raras. 2013.

Miranda Otto que dá vida a personagem Bishop, é uma atriz australiana branca, magra e mais alta que Glória. A atriz também se parece fisicamente com a escritora. No filme está sempre com um sapato de salto, que mesmo pequeno, ajuda a compor a sua estatura. A diferença que não altera o seguimento do filme, é que Elizabeth teria emagrecido depois de chegar ao Brasil, mas no filme é retratada sempre magra.

## CAPÍTULO 1 - O USO DE NARRATIVAS LITERÁRIAS E CINEMATOGRAFICAS COMO FONTES HISTÓRICAS

Roger Chartier no seu ensaio *O Mundo como Representação* nos diz que as mudanças nas pesquisas de história passaram a deixar de lado as antigas tradições para dar espaço a novas interpretações. Esta nova postura se construiu como uma resposta dos historiadores aos estudiosos das ciências sociais, deixando um pouco de lado a tentativa de se escrever histórias pelos métodos das ciências exatas.

Assim, o uso da literatura e do cinema como fontes da História é um fenômeno das décadas finais do século XX, a partir da continuidade das mudanças metodológicas propostas pelos historiadores voltados para construção de uma História Cultural. Deixando de lado a ideia de história total, a história começou a lidar com a proposta de que não é preciso fazer recortes sociais para se conseguir um objeto bem definido. Voltou-se os estudos às práticas sociais plurais e diversas.

Como resultado disso, as academias têm cada vez mais utilizado o cinema e a literatura como objeto de análise e estudo. Tendo o cinema como objeto de análise, a UPF, universidade na qual este trabalho se origina, nos cursos de História e Jornalismo, são encontrados exemplos: o Ciclo de Cinema e o Ponto de Cinema.

Ambos têm como proposta debater as produções cinematográficas abrangendo desde o tempo em que foram produzidas, o público ao qual se destinaram e a sua utilidade para a interpretação do passado a partir de um olhar do presente.

Nos estudos voltados à literatura, pontuamos a existência do *Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea* da Universidade de Brasília que tem como integrantes professores e pesquisadores brasileiros e estrangeiros e que aborda as relações entre a literatura e a sociedade e que promove tais debates em reuniões e eventos de maior tamanho (GELBC, 2018).

Tais debates ajudam a desconstruir o mito de que a História é a mera organização de datas e fatos em ordem cronológica e legitimam o cinema e a literatura como fonte para construção do conhecimento histórico. Ao somarmos à análise de um filme a análise de um romance biográfico o leque de possibilidades se amplia.

Chartier ao tratar do livro e da leitura, versa que cada leitor terá uma compreensão sobre o livro que será geradora de:

Contrastes que hallamos, del mismo modo, entre normas de lectura que definen, para cada comunidad de lectores, los usos del libro, las formas de

leer, los procedimientos de interpretación. Contrastes, por último, entre las esperanzas y los intereses diversos que los distintos grupos de lectores invierten en la práctica de la lectura. De estas determinaciones, que regulan las prácticas, dependen las formas en que pueden leerse los textos, y leerse en formas diferentes por lectores que no disponen del mismo utillaje intelectual y que no mantienen la misma relación con el texto escrito (2005, p. 52).

Com isso, cada caso e sua singularidade, podem ser analisados com base nesta abordagem. Posto que a história nunca vai poder se repetir aos olhos do historiador, todo o seu trabalho será uma reconstrução do que aconteceu um dia.

### **1.1 - Limites da representação para se contar uma história**

Sabemos que a representação de personagens tem objetivos que muitas vezes não são explícitos. No nosso caso, ela pode ser motivada pelas poucas referências acadêmicas encontradas das mulheres que foram o ponto de partida da construção das personagens.

Ambas as representações - o livro e o filme *Flores Raras* - carregam singularidades que vão além de seus formatos comunicativos e de narração, mas que pertencem ao contexto em que foram criadas. Podemos dizer que em maior medida, o filme *Flores Raras* é resultado do momento social que se vive. É também o reflexo mais visível do advento dos estudos culturais feitos por historiadores, pois com ele temos a expansão de temas e abordagens.

Os estudos sobre as relações de gênero, minorias sociais e mulheres, entre outros, ampliam as possibilidades de abordagem e trazem para o debate tais assuntos. Assim, a expansão do conhecimento sobre estas minorias ajuda a quebrar os preconceitos do senso comum.

Mesmo que de forma tímida e pouco profunda, os espaços de representação da homossexualidade feminina estão em expansão. A literatura e o cinema, além da televisão, têm deixado de somente criar personagens homossexuais caricaturadas e cômicas, o que é, de certa forma, uma resposta às constantes críticas dos grupos LGBTQI+ quanto a este tipo de abordagem.

Grande parte da sociedade tem tido uma postura mais aberta à diversidade e se levantado a favor dela. Com o uso da internet é possível ter acesso a conteúdos que falam sobre a diversidade e que tem baseado até mesmo a formação de redes de apoio entre pessoas LGBTQI+ e parceiros da causa.

Estas novas construções de sentido e pertencimento tem aberto espaço para que possam ser representados através da arte. Podemos afirmar que o retrato que eterniza um

momento de felicidade como um nascimento ou viagem, nunca vai retomar o sentimento gerado. Entretanto se ver na tela do cinema ou na literatura pode ser importante para estes grupos.

Num trabalho acadêmico, nunca se poderá abordar todos os sentimentos gerados por uma obra de arte. Isto se confirma através dos escritos de Roger Chartier sobre as categorias de representação:

una que piensa en la construcción de las identidades sociales como resultantes siempre de una relación forzada entre las representaciones impuestas por aquellos que poseen el poder de clasificar y designar y la definición, sumisa o resistente, que cada comunidad produce de sí misma; la otra considera la división social objetivada como la traducción del crédito acordado a la representación que cada hace de sí mismo, por lo tanto, de su capacidad de hacer reconocer su existencia a partir de una exhibición de unidad (2005, p. 57).

Pensar a partir de Chartier traz a constatação de que toda produção cultural é algo feito por quem pode. A vida de Lotta, por exemplo, ficou por mais de vinte anos guardada na memória de seus amigos. Somente pelas mãos de Carmen L. Oliveira é que se transformou em história.

Uma grande personalidade carioca que foi apagada da história da cidade do Rio de Janeiro (VIMEO, 2018). Se a autora Oliveira interrompesse sua pesquisa devido à resistência da família de Lotta que sequer fala no seu nome, a biografia e o filme nunca teriam sido feitos.

A produção do filme ficou na gaveta por quase duas décadas. Por fim, seja coincidência ou resultado, o filme foi lançado no mesmo ano em que o Supremo Tribunal Federal, através da Resolução nº 175 de 14/05/2013, passou a considerar a união estável (que pode ser convertida em casamento) por pessoas do mesmo sexo.

Então, a produção e distribuição destas obras apresenta um papel muito significativo que pode ser visto como um sinal de (re)existência. Esta história baseada em pessoas reais mostra que era possível, nos anos 1950-1960, ser lésbica, ter uma carreira profissional e conviver com amigos, mesmo que estes fossem poucos.

Neste sentido, a visão que nossas fontes expõem pode causar a sensação de que a vida das duas foi só felicidade e coisas boas, o que também é preocupante. Como toda produção humana, elas têm grande relevância histórica. A visibilidade que trazem para as mulheres lésbicas e sobre duas grandes mulheres pouco estudadas pela história merece destaque.

De qualquer modo o acesso do público a elas pode gerar críticas (válidas ou não), por tratarem de um assunto visto por muitos como um tabu. É importante levar em conta este

dado para se analisar como foram construídas as narrativas e representações na literatura e no cinema, considerando que o diálogo com o público é constante na elaboração e escolhas realizadas pelos autores.

## **1.2 - Os limites da narrativa: caminhos entre o documental e o ficcional**

Claus Clüver nos diz que um livro e um filme podem ser analisados a partir da *intermedialidade*. Algo que sempre existiu na vida cotidiana e cultural das sociedades, mas que passou a ser objeto de análise recentemente. Este conceito abrange todos os tipos de interação e inter-relação entre as mais diferentes mídias.

Para o autor, mídia tem seu significado maior do que apenas as mídias tradicionais como televisão, rádio, jornal, e chega a toda produção humana que tenta comunicar algum tipo de mensagem (2007, p. 9-10).

Sendo as duas fontes interligadas, partindo do conceito de intermedialidade, podemos utilizar o conceito da transposição midiática. Tal ideia trata da transformação de um texto de uma mídia em outra, de acordo com as possibilidades materiais e suas convenções. O texto no qual outra produção midiática se baseia toma as vezes de fonte (RAJEWSKY, 2005, apud CLÜVER, 2007, p. 18).

*Flores Raras e Banalíssimas* se transformou em fonte para Bruno Barreto, diretor de *Flores Raras*. O roteiro do filme seguiu a história contada por Oliveira transformando-a em cinema. Ambas as produções foram bem recebidas pela crítica literária (garantiu os prêmios Stonewall Book e Lambda Literary Award pela sua tradução nos EUA) e a cinematográfica ganhou pelo público um prêmio do Festival de Berlim.

Sabemos que a história de vida de Lotta e Elizabeth foram a base de outros trabalhos. No Brasil existem outras três obras que tratam sobre as duas: a tese de Doutorado em História pela UNICAMP de Nadia Nogueira, sob o título de *Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop: amores e desencontros no Rio dos anos 1950-1960*, o livro *A Arte de Perder* de Michael Stedje e o monólogo no formato de peça de teatro *Um porto para Elizabeth Bishop* de Marta Góes. Utilizamos a primeira obra para contextualizar o nosso trabalho e, como fonte acadêmica, serviu como contraponto para as narrativas literária e cinematográfica.

Bella Jozef afirma que o cineasta, ao adaptar um romance não se torna o tradutor de um autor literário, mas o criador de outra forma artística (2004, p. 137). A transposição midiática, também chamada de adaptação, geralmente mantém no produto final personagens, abordagem e diálogo entre outras características originais (CLÜVER, 2007, p. 18).

Assim ocorre com nossas fontes. Ao tomarmos o livro e o filme como objeto de estudo, usamos o termo *narrativa* de forma mais ampla do que a meramente textual, compreendendo que ela como uma forma de organização semiótica, abrange desde os signos e significados da narrativa, seu desenvolvimento como história e até seus produtores e organizadores (BELLO, 2005, p.71-2). A autora segue dizendo que:

se o cinema se pode aproximar do teatro pela via da **representação**, ele manifesta, em relação à literatura (particularmente em relação ao romance, à novela, ao conto), a proximidade que a capacidade de **narrar** (isto é, de manipular a temporalidade) lhe confere (Ibidem, p. 77, grifo da autora).

O contar por palavras e por imagens em movimento se apresenta como forma complementar de se narrar uma história, seja ela de ficção ou não-ficção, pois cada área possui suas limitações e possibilidades. Sendo assim, a passagem da linguagem verbal para a cinematográfica pode revelar traços do funcionamento de ambas. Estas percepções são detectadas mais facilmente num filme devido a sua própria natureza (JOZEF, 2004, p. 140), como sabemos, de possuir imagens em movimento.

Marc Ferro nos ajuda a justificar nossa escolha de fonte e a termos um caminho para compreendê-las:

Assim como todo produto cultural, toda ação política, toda indústria, todo filme tem uma história que é História, com sua rede de relações pessoais, seu estatuto dos objetos e dos homens, onde privilégios e trabalhos pesados, hierarquias e honras encontram-se regulamentados [...] (2010, p. 19).

O fato do filme se basear em uma história não obriga que se sigam fielmente as ideias contidas na fonte. Acabamos, a partir da nossa dissecação das fontes, imaginando que o diretor Bruno Barreto escolheu retratar um *casal hétero* formado por duas mulheres.

O primeiro aspecto a ser tomado é que ele, pela sua visão de mundo, não diferencia os casais de pessoas do mesmo sexo frente aos formados por pessoas de sexo oposto. Pode-se afirmar como a análise mostrará no decorrer do trabalho, que o diretor opta pelo o caminho mais óbvio para retratar o casal.

O segundo é que, diante da dificuldade de encontrar patrocínio para seu filme, ele precisou adaptar seu discurso e sua abordagem desfocando a atenção do casamento entre Bishop e Lotta. Ao ler o poema *One Art* de Bishop, têm-se a sensação de que o filme é sobre ele e não a história de amor entre Elizabeth e a brasileira.

Ao pensarmos em sintonia com Bella Josef não podemos afirmar que Bruno Barreto, se colocou à serviço do romance homônimo retratando-o fielmente, mas também não podemos dizer que pôs a ele seu posicionamento pessoal (2004, p. 244).

Baseado em um texto literário, a película busca representar as características relacionadas à Lotta como “pessoa forte que seduzia a todos”, “pessoa de rompantes” (OLIVEIRA, 1995, p. 54). Já a descrição de Bishop não é tão instigante:

[...] Talvez Lota tivesse visto em Bishop uma menininha mutilada que ela quis socorrer. A verdade é que todos tinham ficado abismados quando Lota anunciou que Bishop estava se mudando de mala e cuia para Samambaia. Àquela altura ninguém conseguia atinar com o que será que Lota via naquela americana achacadiça. Como dizia Vivinha, quem sabe um pouco despeitada, àquela ali a sem-graceza tinha mandado lembranças (Ibidem, p. 54).

Estes trechos e nossa posterior análise irão mostrar com mais ênfase essa busca do filme em seguir certos pilares da obra literária.

### **1.3 - A representação literária: relações entre a biografia e a história**

As palavras e seus significados em *Flores Raras e Banalíssimas* dificultam, de certo modo, sua classificação. Levando-se em conta todas as suas características, nenhuma é definidora do seu gênero. Na sua contracapa lê-se que Carmen Lucia Oliveira “criou uma obra, a um tempo documental e ficcional” assim dita por ser fundamentada em fontes documentais e orais, mas que em sua escrita apresenta personagens baseados em pessoas reais que conversam e contam histórias entre si, sem mesmo terem existido.

Vavy Pacheco Borges ao usar o pensamento de Philippe Lejeune, define uma obra biográfica pura como “aquela na qual o narrador não conheceu seu objeto de estudo e visa a dar uma imagem completa de sua existência a partir de documentos e testemunhos (2008, p. 213)”.

Esta definição parece compatível com a obra pois, conforme Carmen L. Oliveira conta em entrevista, somente na década de 1980, anos depois da morte das duas, chegou ao tema. Por acaso, ao ler uma dedicatória de Elizabeth Bishop à Lotta de Macedo Soares, a autora ficou curiosa e passou a entrar em contato com possíveis conhecidos de Lotta e a coletar documentos e depoimentos orais (VIMEO, 2018).

Mesmo não sendo a nossa intenção de estudo, achamos importante levantar a questão da proximidade entre a Biografia e Literatura e também a Psicologia. Nossas fontes apresentam as diversas nuances de uma pessoa, aspectos de expressões que tangem o inconsciente e sua multiplicidade, sendo válido este debate (BORGES, 2008, p. 214).

Diehl ao abordar a biografia e a psicanálise, afirma que o biógrafo e o psicanalista, precisam se aproximar do sujeito para desnudar os sentimentos de um indivíduo. Posteriormente, devem se distanciar e assim realizar o seu trabalho. O interesse sentimental sobre uma história deve dar espaço à objetividade na interpretação das pessoas (2015, p. 132).

É necessário ter cuidado ao ler e também ao escrever uma biografia já que o objeto pode crescer positiva ou negativamente aos nossos olhos, pois:

não é a quantidade de referências, mas a seleção delas que se leva à estruturação da representação do passado. O psicanalista tem seu objeto de estudo a sua frente narrando sentimentos e sua própria vida. Já o biógrafo não tem acesso fácil a essas subjetividades. Se o objeto de estudo está vivo, faltam métodos para o biógrafo. Se está morto, falta segurança quanto a validade do que lhe é dito (Ibidem, p. 125).

A pesquisa em história deixou de lado a sua postura de uma ciência em sua totalidade. Confrontada com o conceito de narrativa inculcado na sua própria feitura, começou a partir da ideia de que é “construída a partir de figuras retóricas e de estruturas narrativas que também são as de ficção” (CHARTIER, 2010, p. 12).

Com esta nova postura frente à produção de conhecimento, nos deparamos com as biografias, história das minorias e as mais diferentes abordagens da chamada História Cultural. Assim como Vygotsky, compreendemos os sujeitos formadores da história ou estudados por ela, como sujeitos culturais.

Esta amplitude de frentes de estudos nos traz a este trabalho ao mesmo tempo que devido a sua expansão, nos leva a fazer escolhas e seleções a fim de se observar o que consideramos os principais pontos das representações literária e fílmica.

#### **1.4 - Os limites da representação do tempo: seus usos na literatura e no cinema**

*Flores Raras e Banalíssimas* com seus vinte e seis capítulos conta a história das duas personagens entre os anos de 1951 e 1978, mas não tem organização cronológica linear. Sua organização de fatos pode inclusive, não ser percebida por um leitor distraído. O entendimento do texto não fica dificultado, mas pode levar a uma interpretação diversa da história.

Achamos importante pontuar neste trabalho que um leitor desatento pode considerar que ele representa toda a história destas duas mulheres por seu subtítulo ser “*A história de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop*” e não “*Uma história de Lota de Macedo Soares*

*e Elizabeth Bishop*”. De qualquer maneira, considerando-se as pluralidades de tempos e vivências, o livro será interpretado de diversas maneiras.

Seu primeiro capítulo está situado em 1978, ano anterior à morte de Bishop. Nele a poeta relembra os motivos que a levaram a deixar os EUA e embarcar no cargueiro que a conduziu ao Brasil. No último capítulo novamente no ano de 1978, Elizabeth se encontra em seu apartamento, mas não é narrado o seu falecimento.

No quinto capítulo, quem conta a vida de Lotta criança e jovem são suas amigas reunidas no Rio de Janeiro de 1994. Depois Naná recorda os comentários feitos em referência à Bishop: americana achacada e sem-graça (OLIVEIRA, 1995, p. 54).

Este jogo de tempos, incluídos também nos diálogos entre as personagens, criam diversas “janelas” e espaços que mostram os diferentes tempos vividos por Lotta e Elizabeth. Ambas passaram a morar juntas aos quarenta anos de idade, ou seja, antes desta idade cada uma se desenvolveu de forma separada onde tiveram relacionamentos amorosos com outras mulheres.

Os ambientes de memórias trazidas pelo texto arejam a história que não seria interessante ou atrativa se, mesmo que de forma rasa, não fossem abordadas as nuances de personalidade das duas. Durante os diálogos e as falas da narradora vamos conhecendo as suas visões de mundo, suas relações com as pessoas em conjunto com seus possíveis sentimentos.

Chartier diz ser necessário, a partir da certeza de que a história se divide em “modalidades”, a análise das disputas entre a memória coletiva ou individual e a relação das sociedades com o passado (2010, p. 21). É fato que, sendo uma biografia romanceada nossa fonte devemos lembrar que o passado se torna o resultado de invenções e reconstruções de memórias que se alteram conforme a nossa situação no presente (DIEHL, 2015, p. 15).

Cada leitura do livro ou visualização do filme será a oportunidade de uma nova interpretação e criação de sentidos para quem o acessa. Da mesma forma, é difícil que cada narrador mantenha a mesma ordem e importância de fatos ao falar com diferentes pessoas e de momentos diferentes da própria vida.

Este é um dos pontos que Chartier aborda a partir do pensamento de Ricoeur (2000). A fidelidade da memória é oposição à “verdade” da história conseguida com a pesquisa em documentos e vestígios. À vista disso, a história como reconstrução do passado é feita considerando as escolhas da historiadora e sua própria postura quanto aos métodos de reconstrução do passado (2010, p. 22-23).

Pelas palavras de José Carlos Sebe Bom Meihy, a construção de uma narrativa com base na história oral é: “[...] um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e grupos” (1996, p. 13). A seleção de dados ou assuntos pode ser um facilitador ou dificultador da produção histórica, já que o entrevistado não tem o conhecimento ou a responsabilidade de um pesquisador com a veracidade do que conta.

Da mesma forma, o cinema, de forma constante, desconsidera a ordem e as lógicas temporais a fim de apresentar ao espectador uma história interessante. Apesar de algumas pessoas considerarem uma história narrada em filme como verdadeira, esta não é uma busca dos diretores e produtores de cinema.

É compreensível e legítima esta escolha, mas para nós, historiadoras, é interessante observar esta construção para uma produção histórica mais objetiva. Lidamos neste trabalho, com fontes que fazem suas narrativas como uma mola, onde se avança e retrocede no tempo na intenção de criar uma história homogênea. Por mais que estes movimentos soem estranhos, o objetivo da escritora e do diretor, em nossa avaliação, foram alcançados.

### **1.5 - A construção das personagens: seus contornos na literatura e no cinema**

A grande capacidade de contar sentimentos e tecer teias de envolvimento com o leitor faz com que a literatura seja algo gerador de mudanças ou ampliação de horizontes de quem lê. As intenções não ficam explícitas, mas é possível que numa leitura mais atenta se possa percebê-las. Assim a biografia romanceada de Carmen Lucia Oliveira deve ser analisada com cautela.

O livro nos apresenta duas personagens complexas e humanizadas: Lotta e Elizabeth, protagonistas da obra. Elas são duas personagens “redondas”, ou seja, são apresentadas de forma com que todas as suas características estejam descritas ou apareçam para o leitor (GANCHO, 2002, p. 18).

Ficamos sabendo de pronto a cor da pele, cabelo e olhos, posição social, seus modos de agir com as pessoas e consigo mesmas, suas capacidades intelectuais, seus gostos e seus medos. Bishop que ao chegar ao Brasil é recebida por Mary Morse, permanece por alguns dias no apartamento dela e Lotta no Leme. Somente dias depois a arquiteta desce a serra para buscá-la. A passagem conta que a poeta “vê uma mulher baixinha e com a cor mais escura do que se lembrava descer de um carro (OLIVEIRA, 1995, p. 15)”.

Esta ideia da diferença de tonalidade da pele das duas é explorada no filme quando Bishop lava os cabelos de Lotta. Elizabeth, inclusive, está quase da cor da parede branca, acentuada pela claridade que entra pela janela.



Figura 4. Elizabeth Bishop lava os cabelos de Lotta. (FLORES RARAS, 2013).

Tais nuances na caracterização das personagens são aproximadas da produção poética de Bishop, aspecto que o audiovisual explora ao associar a cena ao poema *Banho de Xampu* (1955), incluso no livro que lançou quando residia no Brasil:

[...] No teu cabelo negro brilham estrelas  
cadentes, arredias.  
Para onde irão elas  
tão cedo, resolutas?  
- Vem, deixa eu lavá-lo, aqui nesta bacia  
amassada e brilhante como a lua (BISHOP, 2012, p. 213).

A amiga de Bishop e ex-companheira de Lotta, Mary Morse pode ser tratada como uma personagem “plana”. As únicas características da personagem apresentadas são a profissão - bailarina norte-americana -, o distanciamento familiar e o desejo de adotar uma criança (GANCHO, 2002, p. 15).

Tanto no livro quanto no filme, a personagem Mary, aparece de forma pontual, seja para seguir bebendo seu mate em silêncio enquanto as outras personagens liam (OLIVEIRA, 1995, p. 23) seja para observar os olhares de Lotta à Bishop (ibidem, p. 30).

Mesmo separada de Lotta, a bailarina mantinha contato com ela e Elizabeth como a própria poeta narra em carta: “a Mary [Morse] trouxe o catálogo [da exposição de MacIver no Whitney Museum] do Rio ontem à noite [...] (BISHOP, 1995, p. 263)”, ou “As ideias da Mary

[Morse] ora são de uma extravagância extrema [...] ora de uma modéstia bostoniana (Ibidem, p. 273)”.



Figura 5. Lotta, Elizabeth e Mary jantam (FLORES RARAS, 2013).

Nesta cena do filme, Mary está em uma discussão com Elizabeth. Até pela posição das personagens é visível que Lotta está posta como a líder da família. Como fez durante o desenvolvimento da história, a brasileira não toma posição de defesa de nenhuma das estadunidenses, mas pela elevação do tom de voz, encerra o assunto sem resolvê-lo.

Podemos dizer que Morse funciona como uma âncora, aparecendo pontualmente, mas marcando pontos de tensão entre Lotta e Elizabeth. Além disso, a postura que assume após o fim do relacionamento com a brasileira, reforça o formato de casais heterossexuais construído durante o filme para o relacionamento entre Lotta e Bishop. Mary condensa características de fragilidade feminina que acentuam a "masculinidade" de Lotta e quase disputa com a estadunidense o posto de “protegida” da brasileira.

Um dos poucos personagens homens e com papel importante para o desfecho da história é Carlos Lacerda. Também podemos classificá-lo como antagonista, pois mesmo de forma indireta, influencia a relação de Lotta e Elizabeth e muda o rumo da vida das mesmas. É através dele que Lotta começa o que seria trabalho mais relevante de sua carreira e desta forma se afasta da sua companheira.

As outras personagens, em número bem reduzido, tem a função de apoiar as protagonistas e de humanizá-las sendo capazes de mostrar as ações das mesmas. Segundo Cândida Vilares Gancho, podemos classificá-las como personagens secundárias dada a sua pouca influência nos rumos da história (2002, p. 17).

São pessoas do círculo de amizade das duas ou que trabalham na propriedade em que vivem e não são capazes de alterar o curso da história. O próprio pai de Lotta, o jornalista

brasileiro José Eduardo de Macedo Soares tem poucas aparições e na maioria das vezes sofre rejeição da filha.

O romance biográfico foi reconstrução de uma história, e o filme, vindo depois, se tornou uma interpretação da reconstrução. Apontamos que ambos carregam em si toda a carga de intenções (comerciais, pessoais, etc.) e escolhas de quem participou de sua feitura (escritora, atrizes, diretores, câmeras, etc.). Será nossa responsabilidade, no decorrer deste trabalho, fazer a análise dos motivos que levaram a tais reconstruções.

## **1.6 - A música e o cinema: um diálogo com as territorialidades e com os sentidos**

A vantagem do cinema frente a outras formas de representação é o fato dele poder fazer uso de falas e músicas na construção dos sentidos da história, pois: “A música constitui um dos mais poderosos elementos dramáticos da produção audiovisual, ocupando uma posição privilegiada na trilha sonora cinematográfica (ALVES, s. d., p. 93). Bem pontuais e refletindo o estado de espírito das personagens e do ambiente das cenas, a trilha sonora será a partir de agora, brevemente analisada e contextualizada.

Começamos com primeira canção cantada pela brasileira que é o sucesso de Dalva de Oliveira, *Kalu*. Seus versos “tire o verde desses olhos de cima deu” são como um recado de Lotta a estadunidense que viajou a procura de algo para si.

A vasta natureza da serra de Petrópolis tem a mesma cor dos olhos de Bishop que tira seus óculos de sol para observar a paisagem. O caminho de quase sessenta quilômetros, percorrido no carro sob o comando de Lotta que canta enquanto o dirige, leva a estadunidense a um novo mundo repleto de novidades.

Outra música importante na composição do filme é *Sábado em Copacabana*. O som de Dorival Caymmi traz o verso “A noite passa tão depressa, mas vou voltar se pra semana/: Eu encontrar um novo amor: Copacabana”. Este novo amor era o que a brasileira e a estadunidense estavam construindo e ambas realmente estavam no bairro carioca.

Esta passagem foi a primeira vez no filme que Elizabeth vai ao apartamento de Lotta no Leme. É a brasileira que apresenta a bela vista do mar para a companheira e que vai tomando a frente da vida das duas como um abre-alas, ampliando seus horizontes. Esta cena evoca a visão de Callado que segundo Oliveira, ao visitar as duas em Samambaia, percebeu que ambas formavam “um casal no ponto alto de sua união (1995, p. 89)”.

*Sábado em Copacabana* é um dos poucos momentos que as duas participam de uma festa. Pelos trajes e música, fica indicado os ambientes que as duas frequentavam. Lotta,

integrante da alta sociedade carioca, aparece respeitada por seus pares e com ampla área de influências políticas e sociais, a exemplo de Carlos Lacerda<sup>1</sup>.

Nestes dois casos podemos citar a ideia de Chion sobre a forma de uso da música num filme:

Numa das formas, a música exprime diretamente a sua participação na emoção da cena, dando o ritmo, o tom e o fraseado adaptados, isto evidentemente em função dos códigos culturais da tristeza, da alegria, da emoção e do movimento (Apud ALVES, s. d., p. 94).

*Kalu e Sábado em Copacabana* assumem este papel de ajudar a compor as cenas. Com as letras das músicas é possível explicar a história delas e com o instrumental, pode-se compreender as emoções externadas. Na primeira cena, um momento de grande prazer à Lotta que dirigia e na segunda, a sedimentação de um amor duradouro.

O cantor de jazz estadunidense Miles Davis entra num outro momento importante da história. Desde que Lotta passou a trabalhar no aterro, Elizabeth que antes era prioridade em sua vida, acabou ficando sozinha na noite do seu aniversário e “trocada” por uma reunião de Lotta com o governador Lacerda.

Devastada pela ausência da companheira, Elizabeth se embriaga e dança sozinha ao som do músico. Quando Lotta chega ela está dentro da banheira. Em nenhum momento a brasileira se desculpa pelo ocorrido, apenas ouve as justificativas chorosas de Bishop que não lhe cobra explicações.

O jazz indica uma “volta” imaginária, ao modo de uma fuga psicológica, de Bishop aos EUA, onde suas companhias eram a bebida e as músicas. Solitária na maior parte do tempo, ela que tinha se acostumado a viver de forma constante e sem contrariedades, não conseguiu passar por esta decepção com Lotta sem beber.

Nas cenas finais do filme ouvimos *Reaching for the moon*. O título da canção inclusive é dado ao filme nas suas exibições fora do Brasil. A canção triste de despedida embala a última vez que Bishop aparece no Rio de Janeiro. Impedida de visitar Lotta por Mary e o médico da ex-companheira, ela está a caminho do aeroporto quando resolve visitar o Parque do Flamengo.

Mary Morse havia sido bem clara com Elizabeth dizendo que o colapso de Lotta era em função das obras do Parque. Porém a arquiteta projetava a sua cura na figura de Bishop a qual tinha ofendido. Triste e emocionada, depois da visita ao parque, Elizabeth é surpreendida pelas luzes dos postes ao anoitecer.

---

<sup>1</sup> Carlos Lacerda foi um jornalista, político brasileiro, vizinho de Lotta na serra de Petrópolis e governador do então estado da Guanabara entre 1960-1965.



Figura 6. Poste do Parque do Flamengo aceso (FLORES RARAS, 2013).



Figura 7. Elizabeth Bishop observa a iluminação do Parque do Flamengo (FLORES RARAS, 2013).

No filme, a ideia dos postes recriando a iluminação da lua é atribuída a Lotta que, em visita a Ouro Preto com Bishop, interrompeu a conversa das duas para observar a lua. Em *Flores Raras e Banalíssimas* quem projetou a iluminação do parque foi Richard Kelly a convite da brasileira (OLIVEIRA, 1995, p. 154). Esta última canção está incluída na cena que retrata o sentimento de perda de Elizabeth. A estadunidense está deixando Lotta e o Brasil.

## **CAPÍTULO 2 - UM CONTEXTO EM ANÁLISE: A AMBIÊNCIA HISTÓRICA NO LIVRO E NO FILME**

O Brasil dos anos 1960 era um país efervescente onde os movimentos sociais tinham bastante força e articulação. Os “50 anos em 5” de Juscelino Kubitschek tinham ampliado as ligações entre as regiões do país com grandes obras rodoviárias. Os investimentos no desenvolvimento industrial ainda refletiam nos governos posteriores.

Depois do curto mandato de Jânio Quadros<sup>2</sup> (que renunciou ao cargo sem ter completado um ano na presidência), quem assumiu foi seu vice, João Goulart<sup>3</sup>. Muitos versam que seu governo de foi de grande instabilidade e mudanças no ambiente político do Brasil. Tal situação levou militares e empresários a se organizar para dar um golpe em contraponto a ampliação de movimentos sociais e sindicatos (NAVARRO, 2004, p. 13).

### **2.1 - Carlos Lacerda**

Um dos grandes amigos de Lotta, o governador da Guanabara Carlos Lacerda, esteve profundamente ligado ao Golpe Militar de 1964 no Brasil. Jornalista polêmico e político instável, Lacerda foi oposição ao governo de Getúlio Vargas (chegou a sofrer um atentado por um dos guarda-costas do então presidente) e se aliou a Jânio Quadros através do seu partido, a UDN, nas eleições de 1960.

Posteriormente Lacerda articulou com os militares o golpe que implantou a Ditadura Militar no Brasil. Tal atitude acabou arruinando o seu futuro político e seu desejo de se tornar presidente do país quando a cúpula militar resolveu estender o mandato de Marechal Castelo Branco até o ano de 1967. O plano de Lacerda era lançar a sua candidatura à presidência em 1965. Depois da suspensão das eleições, formou a Frente Ampla com Juscelino Kubitschek e João Goulart. Sua tentativa de oposição ao regime acabou por levá-lo ao exílio nos EUA.

Conhecer, mesmo que brevemente, a biografia de Lacerda é muito importante para que possamos compreender nossas fontes e personagens. Lotta, como integrante da elite

---

<sup>2</sup> Jânio Quadros foi um político brasileiro e presidente do Brasil entre os meses de janeiro e agosto de 1961 quando renunciou ao cargo. Sua ascensão política foi bastante rápida e seu discurso era voltado à moral e ao combate à corrupção.

<sup>3</sup> João Goulart era um político influenciado pelas ideias de Getúlio Vargas do qual foi Ministro do Trabalho. Foi vice-presidente de Jânio Quadros, assumindo o cargo após intensas negociações políticas, derrubado no ano de 1964 em virtude da articulação de militares e parte da classe média brasileira, morreu no exílio na Argentina.

carioca e grande amiga de Lacerda, comemorou no palácio do governador a derrubada de Jango.

Carlos é apresentado por Oliveira como um jornalista vizinho da casa de Samambaia, culto e conversador charmoso (1995, p. 58). Com o passar da narrativa, Elizabeth passa a se sentir desconfortável com o posicionamento de político do então governador Lacerda. Passou a não gostar do olhar de Lacerda que parecia uma gaivota que dá voltas e depois arremete (Ibidem, p. 110).

Enquanto isso Lotta, amiga e admiradora política de Lacerda, se via envolvida em intermináveis discussões acerca das obras do parque. Uma das ressalvas de Bishop com Lacerda era de que ele tinha responsabilidade na mudança das duas para o Rio e do afastamento entre elas. Sair do alto da serra onde encontrava a paz e o acolhimento necessários para escrever, as suas crises de alcoolismo se tornaram mais constantes.

Esta mudança de Lacerda fica menos evidente durante o filme. Ele é basicamente representado como um *gentleman*, super educado e pronto a tecer elogios ao casal. O governador da Guanabara somente aparece em uma cena mais agressiva, quando discute com Lotta sobre a construção de um tanque de nautimodelismo no parque. Diante do posicionamento firme da arquiteta ele acaba cedendo aos argumentos de Lotta.



Figura 8. Elizabeth Bishop observa Lotta discutir com Carlos Lacerda (FLORES RARAS, 2013).

O antagonista de Lotta, na parte final do filme, deixa de lado os galanteios em visita a Elizabeth. Lacerda sofreu um revés político acabou por terminar sua vida política como um exilado nos EUA.

Oliveira narra a sua derrocada pontuando que Lacerda não conseguiu eleger um sucessor na Guanabara e em função do AI-2, baixado pelos militares, não pode concretizar a sua candidatura ao Palácio do Planalto (1995, p. 178).

## 2.2 - José Eduardo de Macedo Soares

Outra personalidade política no Brasil pouco representada em nossas fontes é a figura de José Eduardo de Macedo Soares. Como seu sobrenome anuncia, ele era pai de Lotta e sua relação com a filha não era muito próxima. Em diversos momentos do filme esse distanciamento é apontado e marcado na relação entre os dois.

Nascido em uma família aristocrática do Rio de Janeiro e tendo trabalhado na Marinha brasileira teve participação direta em vários eventos da sociedade brasileira. Fazia oposição ao presidente Hermes da Fonseca (1910-1914), criou o jornal Imparcial (primeiro no país a publicar ilustrações) e apoiou o Golpe de 1930 dado por Getúlio Vargas. Assim como Lacerda, ao se deparar com as políticas adotadas por Vargas, acabou por ser um forte opositor do governo (FGV, 2018).

As nossas fontes abordam de forma rasa a importância de José Eduardo na política brasileira. Tratam mais do incômodo de Lotta com a sua presença e aproximação. Oliveira cita que existia uma forte rejeição à orientação sexual da filha e uma decepção por parte de Lotta quando seus pais se separaram (1995, p. 49-52).

Em *Flores Raras*, José Eduardo, ao não ter abordado a sua vida política, faz as vezes de um marco na mudança de postura de Lotta. Quando ela se encontra em momentos de controle sobre sua vida e trabalho, não demonstra ter sentimentos bons direcionado ao pai.

Elizabeth é quem introduz ele na história perguntando o que ele é de Lotta. Recebe como resposta: “ele dormiu com a minha mãe nove meses antes de eu nascer”. A estadunidense tenta argumentar que ela pelo menos tem um pai, uma vez que perdeu o seu aos oito meses. Lotta diz ter dúvidas sobre isso já que sua relação com ele é ruim devido a suas escolhas pessoais.

Em outras cenas em que José Eduardo aparece, sua filha se retira do ambiente. Porém, com a ida de Bishop aos EUA dar aulas e a perda do controle sobre o Parque do Flamengo fazem com ela se reaproximasse do pai.



Figura 9. Lotta escreve enquanto seu pai José Eduardo lê (FLORES RARAS, 2013).

Dentro do quarto do hospital psiquiátrico Lotta escreve uma carta para Bishop enquanto José Eduardo, em uma cadeira de rodas, lê. O pai da brasileira faleceu no mês de maio de 1967, quatro meses antes que sua filha, o que sugere que a relação dos dois depois da reconciliação foi curta.

### **2.3 - O Modernismo e a urbanização da cidade do Rio de Janeiro**

Outro ponto importante para entender os anos 1950-1960 é estudando as transformações urbanas e sociais no Brasil pós-Vargas. Como reflexo disto a cidade do Rio de Janeiro, que nestes anos era o Estado da Guanabara, teve um grande crescimento populacional e os espaços mais centrais era área de disputa imobiliária.

Segundo a *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre 1905 e 1954, o número de prédios no Rio de Janeiro saltou de 85.000 para 364.491 (IBGE, 1960, p. 78), ou seja, em 49 anos, mais que quadruplicou e não apenas construções habitacionais eram feitas no Rio de Janeiro. Para ampliar espaços da cidade e melhorar o trânsito, diversas obras foram sendo feitas na cidade, por exemplo, o desmonte de morros e moradias antigas do centro da cidade para dar lugar a avenidas e novos prédios (Ibidem, p. 81).

Com todo esse desenvolvimento da construção civil, que apesar de acelerado não conseguia suprir a demanda, ocorreu uma grande valorização de terrenos e prédios na capital federal. A população mais pobre passou a ser concentrada em áreas não urbanizadas como morros e encostas e a classe média em ascensão passou a ocupar bairros como Flamengo, Botafogo e Copacabana (IBGE, 1960, p.82).

As favelas foram tomando o espaço dos morros e chamaram a atenção de Elizabeth Bishop, que em 1965 escreveu o poema *O Ladrão da Babilônia*, narrando a perseguição policial a um bandido no alto do morro:

[...] Logo depois começou  
Uma barulheira medonha  
Eram os soldados subindo  
O morro da Babilônia  
  
Das janelas dos barracos,  
As crianças espiavam.  
Nas biroscas, os fregueses  
Bebiam pinga e xingavam [...] (BISHOP, 2012, p. 269).

Se tratando da arquitetura e estética dos prédios, suas estruturas passaram a refletir as novas ideias culturais e arquitetônicas em circulação pelo país. O debate sobre a forma que os prédios deveriam ter, era feito desde o início do século (PANDOLFI, 1999).

O Estado Novo de Getúlio Vargas e seu viés nacionalista pretendia criar a ideia de unidade na população que suplantasse os regionalismos. Os arquitetos neocoloniais diziam que era preciso retornar ao passado para, a partir, do seu culto, construir um país verdadeiramente brasileiro. Os modernistas por sua vez, sob a influência de arquitetos como Le Corbusier, acreditavam que era necessária uma arquitetura verdadeiramente brasileira com contornos modernos e sofisticados (Ibidem, 1999).

Uma espécie de disputa entre estas duas posições foi o concurso de escolha do projeto do prédio de um do Ministério da Educação e Saúde, no ano de 1935. O ministério era um dos mais atuantes do Estado Novo. Era de sua competência trabalhar na construção da identidade nacional brasileira a partir da música, arte e educação física. Sua sede devia ser construída para reunir todos os departamentos responsáveis pelo desenvolvimento do seu trabalho.

O projeto que venceu o concurso tinha estilo neoclássico e fazia referência à civilização marajoara, sociedade que floresceu na ilha de Marajó no período pré-colonial. Projetado por Archimedes Memória. O resultado não agradou o então ministro Capanema que acabou por arquivar o projeto vencedor.

Para a construção de outro projeto, que não o de Memória, ele convocou o arquiteto modernista Lúcio Costa que montou uma equipe de modernistas para a elaboração do projeto, entre eles Afonso Eduardo Reidy e Oscar Niemeyer (CAVALCANTI, 1999, p. 34 a 42), o prédio do Ministério é considerado o marco inicial da arquitetura moderna no Brasil. O

próprio arquiteto do prédio do ministério chegou a fazer um curso de pintura com Portinari tendo como colega Lotta de Macedo Soares.

Pensar na estética moderna no Brasil traz recordações de amigos e colegas de profissão da brasileira. Ela, como modernista, fez parte do movimento que culminou na criação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Apreciadora das artes, sua complexa personalidade apresentava diversas nuances. *Flores Raras e Banalíssimas* traz uma narrativa bastante interessante acerca disso. No livro temos a descrição das atitudes da arquiteta e a sua capacidade argumentação expostas em carta que envia a Lacerda.

Trata-se do estudo do caso do Parque Lage, alvo de ambições comerciais do centro da cidade. Conhecedora de urbanismo, sua argumentação foi em favor da restauração do parque e não o seu uso como cemitério. Segundo ela, restaurar o espaço iria permitir seu uso pela população e colaborar com a qualidade de vida dos mesmos (OLIVEIRA, 1995, p. 143).

Vemos que antes de se preocupar com questões políticas ou financeiras, tinha como prioridade a busca pelo bem-estar da população e de um bom planejamento urbano para cidade. A falta de um diploma de curso superior não diminuía em nada a sua capacidade de trabalho e de criar soluções inovadoras.

Esta preocupação com o lazer da população sem acesso a isso, também faz parte da argumentação que convence Lacerda a aceitar fazer as obras do Parque do Flamengo. O vaidoso governador também deve ter gostado da ideia de ter seu nome imortalizado na cidade através da obra.

## **2.4 - O gênero como definidor de vivências no Brasil dos anos 1950-1960**

Devemos ressaltar que Lotta e Elizabeth se comportavam como um casal nos locais que frequentavam e não é possível identificar algum tipo de repreensão à elas. Durante o filme, Lotta era menos despreocupada em demonstrar seu afeto por Bishop, talvez pelo fato de a primeira ter uma personalidade ativa e a segunda ser tímida.

Apesar do relacionamento público entre as duas, o diretor do filme nega que o tema seja a homossexualidade, mas sim, “[...] É um filme sobre perdas. Baseia-se numa inversão dramática, a mulher forte que vai se enfraquecendo (Lota) e a fraca que termina por impor sua força (Elizabeth)” (ESTADÃO, 2018).

Só conseguimos pensar que realmente o filme não trata de um relacionamento homoafetivo quando imaginamos ser encaixar um homem no papel de Lotta. Elizabeth

também é representada como a típica princesa que fica ao aguardo de alguém que lhe salve da torre do castelo.

Ora, as justificativas para o filme ter sido feito desta forma são várias e uma delas pode ser subentendida quando Barreto relata em entrevista ao *site GI* no ano de lançamento do filme, a dificuldade em encontrar patrocínio para o filme de orçamento de 13 milhões de reais (2018). É nosso papel, entretanto apontar para tais características do filme.

Joan Scott nos fala que “O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” - a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis de próprios aos homens e as mulheres” (SCOTT, 1989, p. 7). Ao tomarmos esta frase para analisarmos nossas fontes, temos a inclinação a relacioná-la com a cristalização das características de Lotta e Bishop nas suas representações.

Estas construções ficam claras quando o filme tenta estabelecer quase que uma paridade entre Lotta e Lacerda. Ambos eram da mesma classe social, tinham o mesmo posicionamento político e para além da similaridade das suas roupas, tratavam as mulheres como seres que necessitam de cuidados e elogios constantes.

Conforme trata Nogueira, o vestuário nos anos 1950-1960 era algo definidor dos papéis das mulheres em um relacionamento amoroso. Ela diz: “Algumas mulheres bem femininas deviam se submeter às amabilidades daquelas com um performance mais masculina (2008, p. 60)”.

Em 1949, Simone de Beauvoir lançou o ensaio *O Segundo Sexo*, até hoje referência para os movimentos feministas. É de se pensar que Lotta chegou a ler este livro. Por ter morado por muitos anos na Europa e ser fluente em francês. Naturalmente, as ideias da teórica não se firmaram logo nos primeiros anos após a publicação e ainda hoje não são acessíveis a todas as mulheres.

Por outro lado, podemos usar algumas de suas ideias para ajudar na interpretação das representações de nossas personagens. Beauvoir por exemplo, dá início ao capítulo dedicado às lésbicas com a passagem:

De bom grado imaginamos a lésbica com um chapéu de feltro, de cabelos curtos e gravata [...]. Nada mais errôneo do que essa confusão entre a invertida e a virago. Há muitas homossexuais entre as odaliscas, as cortesãs, [...] inversamente, numerosas mulheres “masculinas” são heterossexuais (2016, p. 161).

Na época em que viveram era comum que se classificasse as mulheres lésbicas em ativas ou passivas, invertidas ou viragos. As primeiras se apresentavam com características

masculinas e “comandavam” o sexo; as últimas, mais femininas eram as que mais recebiam as carícias (PEIXOTO, 1934 apud NOGUEIRA, 2008, p. 70).

Esta forma de interpretação (sem nenhuma comprovação por sinal) é perpetuada em Oliveira quando ela narra: “Lotta se aproximou devagarinho. Tenho quarenta anos, pensou Bishop, incrédula, diante daquele amor taxativo” (1995, p. 65).

No filme, entretanto, existem algumas diferenças. Lotta conduz sua companheira pelos lugares, toma a atitude de pedir para que fique no Brasil e dá início ao primeiro beijo do casal. A situação muda, porém, na primeira relação sexual das duas. Apesar de ser Lotta quem deixa claro suas intenções com Bishop, é a poeta quem domina a relação sexual. Elizabeth é quem tira a roupa da companheira que se entrega.



Figura 10. Elizabeth Bishop desabotoa a camisa de Lotta (FLORES RARAS, 2013).

Esta “inversão” de postura pode ser vista como uma abordagem mais acertada das relações entre mulheres, onde a expressão de gênero não define as práticas sexuais, ou como um jogo cinematográfico que causa surpresa no espectador. A parede de vidro, além de permitir que se veja a cena através dela, mostra uma parte da casa que Lotta projetou e comandou a construção.

Não podemos, por outro lado, deixar de lado a ideia de que a performance de Lotta se devia ao que se esperava de uma lésbica, ou pelo menos, uma apresentação que lhe conferisse o respeito das outras pessoas. Em *Flores Raras*, Lotta frequentemente toma o papel de “marido”, ou que, no senso comum seria a atitude de um marido, conduzindo Elizabeth pelos espaços que frequentam.

A arquiteta é representada, em *Flores Raras*, como a “provedora” das mulheres que convive. Ela mantém Mary e Elizabeth em seus domínios/residências, inclusive arcando com

os custos básicos das casas e empregados. Para que Mary não retorne aos EUA, cede ao desejo da estadunidense, e compra uma filha de uma família pobre.

Não se pode afirmar que as três viveram um relacionamento amoroso poligâmico, muito embora a relação entre Lotta e Mary continuasse bastante estreita. O argumento que convence Elizabeth a permanecer no país em meio a isso é de que, impossibilitada de ter um filho biológico, Lotta não deve ceder aos arranjos familiares tradicionais.

Nesta cena em que está sentada com as pernas abertas, Lotta não esboça nenhuma expressão de preocupação ou remorso quanto a situação em que as três irão viver. Afirma que quer ter tudo que pode e, para convencer de vez Elizabeth, lhe diz a frase “nós somos para sempre!” em resposta a afirmação da companheira de que um filho é para sempre.

Está posta nessa cena que Lotta representa o papel de homem. É comum vermos o “mocinho” das novelas engravidar uma mulher que não ama em um momento de confusão mental. Assumindo a paternidade e os custos da pensão, ele está livre de condenações e pode se casar com o grande amor da sua vida e ainda por cima, manter um bom relacionamento com a ex.

Em momento algum se toma nota, nas fontes consultadas, que Lotta pretendia ou queria “ser homem”, o que se encontra é que ela tinha atitudes e modos esperados nos homens e rechaçava muitas características esperadas das mulheres da época. A brasileira, que nas primeiras cenas apresenta as obras de sua casa moderna à turista Bishop, no papel de projetista e chefe da construção acabou, como muitas:

exercendo profissões consideradas masculinas, como as engenheiras e arquitetas no Rio, nos anos 1950, como a engenheira civil Carmen Portinho, responsável pelo projeto de urbanização do Rio; Bertha Leitchic, engenheira que elaborou os cálculos de vários túneis [...] (NOGUEIRA, 2008, p. 46).

Em contrapartida, Lotta que sofreu com a separação dos pais e não mantinha uma boa relação com a família, foi capaz de formar um grupo de amigos que a respeitavam e admiravam. Aquela mulher que fumava e “ao volante tinha a segurança de um homem (OLIVEIRA, 1995, p. 125)”.

Era do agrado de Lotta as coisas finas ou femininas segundo o padrão cultural apontado por Nadia Nogueira. A historiadora analisa em sua tese, que a imprensa e seus periódicos “para mulheres” buscava, nos anos 1950, manter o discurso de que as mulheres deveriam buscar a felicidade dentro de seus lares. Nas seções de comentários se trocavam receitas e dicas de beleza (2008, p. 38-42). As louças holandesas utilizadas por Lotta para suas refeições eram muito mais um sinal de sofisticação e elitismo do que feminilidade.

Kylso é outro ponto de contraste da personalidade da brasileira. Lotta assumiu o papel de mãe ao cuidar da saúde do garoto que sofria com os reflexos da paralisia infantil. Ela o adotou e levou para casa, pagando por suas cirurgias e da sua recuperação. Depois, conforme Nogueira narra, Lotta vira *vovó* e Elizabeth *titia* dos filhos de Kylso que passavam diversos dias na companhia das duas (Ibidem, 2008, p. 113).

A existência de Kylso nem chega a ser citada no filme. Clara aglutina a “inauguração” do elemento maternal de Lotta e é representada quase como um atalho para Lotta casar com Elizabeth e manter Mary por perto. Este “esquecimento” do diretor Barreto na representação cinematográfica reforça a indiferença da brasileira frente as consequência dos seus desejos.

Em *Flores Raras* a postura de Lotta durante o almoço de inauguração da casa e na presença de seu grupo de amigos já dá sinais do quanto ela pode ser incisiva. Quando Bishop nega completar um poema iniciado por Carlos Lacerda, é ela que, tomando as dores do amigo, termina de recitar os versos. No mesmo dia, antes de dormir, Lotta tira satisfações pelo que classifica de “grosseria” por parte de Bishop.

A feminina e frágil Bishop (dentro dos parâmetros de uma construção histórico-filosófica) está quase que dissolvida com a parede e a cama. Seu tom de pele é da mesma paleta de cores do ambiente em que se encontra. Seu olhar assustado e a tentativa de se cobrir na presença de Lotta, a apresentam vulnerável e exposta. Ao lado da cama está sua garrafa de uísque que ela bebe sem gelo, como se fosse uma espécie de remédio.

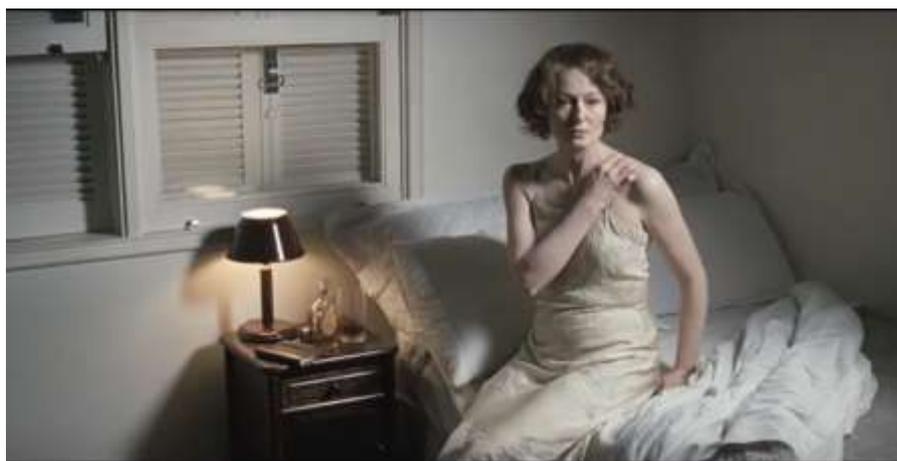


Figura 11. Elizabeth Bishop tenta se cobrir (FLORES RARAS, 2013).

Esta postura de Elizabeth confirma o pensamento de Ferreira:

[...] Se a oposição homem/mulher se justifica a partir do biológico, a diferença masculino/feminino tem uma carga cultural muito forte, prendendo-se com um imaginário, com uma ideologia, com representações que determinam nitidamente aquilo que é característico de homens e aquilo

que cabe às mulheres, identificando-se com as normas dominantes (embora variadas) das diferentes sociedades [...] (s. d., p. 140-141).

Legitimando esta interpretação, Lotta é representada quase como um homem. Ela está vestida com um casaco dourado, com um cinto que marca a sua cintura na qual pousa uma de suas mãos, enquanto a outra se escora na cômoda do quarto. A gola branca de sua camisa salta para fora do casaco e parece aumentar sua estatura.

No guarda-roupas temos o seu reflexo no qual fica mais evidente a sua postura de confronto com Elizabeth. É de se observar que, enquanto a estadunidense fica sentada e faz gestos vagos, externando seu desconforto e sua falta de reação, a brasileira se mantém de pé e inclusive faz menção de se retirar sem terminar de ouvir o que sua interlocutora tem a dizer.



Figura 12. Lotta tira satisfações com Elizabeth Bishop (FLORES RARAS, 2013).

Nogueira comenta que as duas “não se enquadravam nos estereótipos tradicionais do gênero feminino”, pois, apesar do distanciamento da sociedade carioca, a casa em Samambaia era um local frequentado por amigos e onde podiam viver seu relacionamento amoroso de forma aberta (2008, p. 46).

O filme desconsidera o fator da construção social dos papéis destinados aos homens e às mulheres do Brasil dos anos 1950-1960. A narrativa fílmica assume como fato os discursos predominantes que tomavam como papel da mulher ser boa esposa, cuidar da casa e dos filhos (Ibidem, p. 38-39).

O feminismo cultural admite que as mulheres estejam incluídas em um processo de construção de identidade baseada nas diretrizes dos homens ou a partir delas. Definidas as características de uma mulher “de verdade”, cada uma que sair do padrão vai ser vista como um ser “anormal” ou que busca se igualar aos homens em seus posicionamentos e atitudes (ALCOFF, 1988, p. 1, 3).

## 2.5 - Elementos profissionais e suas representações

Concordamos que o perfil - tímido e social - de Elizabeth e Lotta eram pontos de destaque das suas personalidades, porém consideramos que muitas características importantes de suas vidas foram omitidas na literatura e no cinema. Juntas elas possuíam mais de três mil livros (BISHOP, 1995, p. 282), eram mulheres cultas e viajadas.

Uma tinha diploma superior enquanto a outra era autodidata. A associação mais comum é de que Bishop continha maior facilidade com o próprio trabalho, uma vez que era formada na Vassar College. Lotta, por sua vez, constituiu seus conhecimentos pelos estudos levados por conta própria e teoricamente encontraria maiores dificuldades. Ledo engano.

A estadunidense aos quarenta anos tinha um livro de poemas publicado e por cinco anos tentava terminar o segundo. Devido a sua extrema autocrítica, precisou aceitar a proposta da editora de compor uma coletânea com poemas já publicados. Elizabeth ganhou o Prêmio Pulitzer por ele, mas nem mesmo esta notícia fez com que ela tivesse uma reação mais enérgica no filme.

Lotta, aos quarenta e um anos, já tinha desenhado com a ajuda de Sérgio Bernardes a planta de uma casa moderna ganhadora de um prêmio de arquitetura. Sem uma ocupação fixa, se dedicava as obras da casa, com horta e jardim e se ressentia de não ter outro grande projeto para tocar.

Mesmo com a extrema dificuldade em escrever, não podemos em momento algum ver Elizabeth somente como uma pessoa frágil. Órfã de pai e mãe desde os cinco anos, tendo que viver de casa em casa ou internada no colégio, ela conseguia viver. Sua constante busca por um lugar no mundo demonstra que ela em nenhum momento se entregou.

Quando tinha crises de alcoolismo ela mesma se internou em clínicas, não como retratado no filme, onde é Lotta quem recomenda que tome remédios. Elizabeth também não gostava da ideia de ser considerada uma grande poeta mulher. Para ela não existiam diferenças entre a escrita poética de homens ou mulheres. Em entrevista com George Starbuck, ela diz que nunca participou de antologias de mulheres ou via as obras de outras mulheres de forma diferente, pois não achava que tinha sentido separar os escritores por sexo (MONTEIRO, 2013, p. 116).

Não iremos abordar neste trabalho as cartas ou entrevistas de Bishop, mas podemos pontuar que ela demonstrava ter opinião e posição que transparecem em suas cartas e entrevistas. Ela era uma poeta tímida e contida, mas não passiva frente ao mundo. Suas

entrevistas seguem basicamente o mesmo roteiro e falas o que reflete o seu cuidado com a exposição da sua vida.

## **2.6 - As relações entre a literatura, o cinema e a representação**

Utilizando-nos da argumentação de Guaranha, podemos dizer que a literatura e o cinema, duas artes humanas, se inter-relacionam, pois enquanto o texto literário tem a capacidade de instigar a imaginação do leitor partindo das suas próprias vivências, o filme em si, só existe porque antes foi uma ideia escrita que certamente, provocou a imaginação e o desejo de contar uma história por parte do cineasta (2007, p. 25).

Pudemos observar brevemente o contexto em que nossas fontes - livro e filme - estão incluídas na história. Retomando Chartier, estas representações da história, feitas de duas formas, utilizando os mesmo objetos para construí-la, relacionam a imagem que se tem no presente e um objeto ausente (2005, p. 58). O próprio Chartier nos direciona neste sentido ao alegar que:

la transformación de las formas a través de las cuales se propone un texto legítima recepciones inéditas creando nuevos públicos e nuevos usos. Por la otra, el compartir los mismos bienes culturales por los distintos grupos que componen una sociedad suscita la búsqueda de nuevas distinciones, aptas a marcar las diferencias conservadas (2005, p. 60).

A representação desta forma é feita sempre a partir da posição no tempo e do espaço de quem estuda um objeto que já não existe. Temos documentos, depoimentos e até mesmo filmagens, mas sempre serão reproduções de algo que ficou no passado e que nunca mais irá se repetir.

Ao se tratar de representações, literária e cinematográfica, é preciso tomar cuidado com a construção de constatações e compreensões. Quando ela é feita de forma superficial ou de forma rápida pode-se perder os não-ditos e o que não aparece de forma clara ou explícita. Uma análise mais profunda pode alterar totalmente a interpretação de certo objeto, documento ou pessoa.

### CAPÍTULO 3 - AS REPRESENTAÇÕES DE LOTTA E BISHOP NA LITERATURA E NO CINEMA

Para analisarmos as representações de Lotta e Bishop na literatura e cinema, partimos da analogia de Mattos que liga o trabalho das professoras e historiadoras com a construção de uma narrativa cinematográfica. Deste modo o filme e sua intenção de contar uma história apresenta um jogo entre tempos verbais e espaço na construção de uma realidade representada pelas imagens em movimento do cinema (2003, p. 63-4):

Portanto, é a compreensão de estar contando uma história [...] que abre a possibilidade do abandono das análises macroestruturais, muitas vezes esvaziadas de conteúdo, para um possível resgate de vidas: vidas que se produzem, também, como obras de arte - estética de vida -, a partir de práticas sociais que foram e são constituídas através do tempo no cotidiano (Ibidem, p. 56).

Concordamos com Mattos quando o autor fala que o estudo e a análise de obras de arte ou audiovisuais é uma aproximação com uma história do cotidiano, próxima do leitor leigo. É possível que a História não seja interessante por ser distante da vida das pessoas.

Podemos pegar como exemplo do quanto as ditas banalidades da vida podem se transformar em cinema. Nas primeiras cenas do filme vemos um menino e seu pai brincando com um pequeno barco num lago. Com o desenrolar da película compreendemos este barco como um dos fios condutores da história.

Esta cena corriqueira - um filho brincando com o pai - toma uma proporção muito maior e se expande por todo o filme. Não é somente nos primeiros instantes do filme que a temática do barco aparece. Neste momento é que vemos pela primeira vez a personagem Elizabeth Bishop. Ela está lendo um poema classificado como incompleto pelo homem que a acompanha. Melancólica ela se diz “a mulher mais solitária do mundo” e que este sentimento só perdura até a “primeira dose do dia”.

Quanto a Lotta de Macedo Soares, temos as primeiras imagens dela dirigindo um carro. Apressada, ela desembarca e vai em direção à desconhecida Bishop cumprimentando-a animadamente. Em poucos instantes ela carrega as malas da turista e a convida para que junto com sua companheira Mary, iniciem o trajeto até Samambaia.

A apresentação de Elizabeth feita primeiro capítulo de *Flores Raras e Banalíssimas*, traz “uma senhora de cabelos brancos e olhos tristonhos” em seu apartamento em Boston no ano de 1978. Tal senhora está recordando sua vida há quase trinta anos enquanto tenta terminar de escrever um poema (OLIVEIRA, 1995, p. 11).

Já a primeira aparição de Lotta de Macedo Soares é quando busca Bishop, passagem narrada no segundo capítulo do livro:

Na hora combinada, um Jaguar vermelho de capota arriada aterrou junto à calçada. Dele saltou, com elegância, uma mulher baixinha que lhe estendeu um sorriso. Ao se aproximar, Bishop notou que era bem mais morena do que se recordava. Com a mão direita Lota apertou vigorosamente a mão de Bishop, enquanto com a esquerda lhe afaga o ombro. Olhava-a nos olhos (Ibidem, p. 15).

Assim somos apresentadas às protagonistas do livro e do filme. A relação amorosa de Lotta e Elizabeth que é a razão de ser das obras foi reconstruída de forma bastante rápida em *Flores Raras*. De um estranhamento inicial, tanto de personalidade quanto de culturas, logo chegamos à cena em que Lotta propõe que Bishop fique no Brasil.

### 3.1 - A construção da relação das duas

O confronto que Lotta propõe a Elizabeth (analisado no segundo capítulo deste trabalho) é a chave da mudança da postura da brasileira. A poeta se explica dizendo não se orgulhar do próprio trabalho o que a faz se sentir “mortificada”. Lotta aos poucos desfaz o semblante de confronto e se despede com um selinho de boa noite à “mulher estranha”.

No dia seguinte, Bishop avisa que vai voltar ao Rio de Janeiro e fica incomodada ao observar Lotta e Mary trocando carinhos. Este incômodo leva Elizabeth a dar duas mordidas bem fortes em um caju. A reação alérgica a nozes e castanhas de Bishop já anunciada durante o almoço de inauguração da casa de Lotta, fica subentendida como um modo de chamar a atenção de Lotta.



Figura 13. Lotta e Mary Morse se abraçam (FLORES RARAS, 2013).



Figura 14. Elizabeth Bishop morde um caju (FLORES RARAS, 2013).

Quando retorna a razão, se dá conta do que fez e assusta. Na cena seguinte ela aparece deitada numa cama de hospital com o rosto vermelho e não deixa de provocar Lotta pedindo se ainda pretende beijá-la. Esta reação de Bishop pode ser vista como uma saída do seu caminho normal de contenção de desejos e do corpo. Ela que está de roupa de formas militares e incomodada com o casal que durante o café estava de roupão, acaba projetando tudo o que tentava esconder no caju.

Sua atitude de retardar a saída de Samambaia leva a brasileira a dizer à Bishop, na volta do hospital, que foi “um belo truque” e que “só funciona uma vez”. Fica ainda mais nítida nesta cena, as intenções nutridas entre as duas.

A constante presença de Mary nas conversas foi o que retardou o contato físico das duas. Bishop não expressa incômodo com o atraso da retomada de sua viagem de circunavegação pela América Latina e sua permanência por mais dias em Samambaia. Na sequência do filme já temos o pedido de Lotta para que fique.

O romance biográfico diz que foi Lotta quem apresentou “um caju vermelho, polpudo, perfumado” para Bishop que deu duas mordidinhas e achou “ácido demais”. Tais mordidas desencadearam uma forte reação alérgica percebida de tarde pela poeta. A fruta foi oferecida por Lotta no primeiro almoço após o pedido que fez para Bishop ficar e do primeiro beijo entre as duas. Elizabeth teria gracejado que não devia ser permitido, uma fruta e uma castanha, se combinar de forma indecente (OLIVEIRA, 1995, p. 36).

Na literatura, a autora Carmen L. Oliveira indica, no segundo capítulo, o que viria a acontecer na história. A anfitriã, na presença silenciosa de Mary Morse, pede que a poeta leia um de seus poemas. Com a recusa, aceita a leitura de Marianne Moore: “A cada estrofe Bishop consultava Lota com os olhos claros. Os olhos morenos devolviam a interrogação. A sala ficou cheia de silêncios (Ibidem, p. 24)”.

O livro, porém, conta que depois de uma noite de insônia e de um passeio de madrugada, Lotta segurou nas mãos de Bishop e pediu que ficasse no Brasil. A poeta “[...] olhava o rosto que esperava por uma resposta e que se antecipou com um beijo súbito” (Ibidem, p. 34).

Já na manhã seguinte Lotta anunciou que iria agilizar as obras da casa para que ela e Bishop pudessem dividi-la. Mary iria construir uma casa nas imediações. O filme desconsidera que Bishop fazia aniversário em oito de fevereiro. Ela chegou ao Brasil em novembro de 1951, ou seja, se formos imaginar que o filme seguiu uma cronologia, somente três meses depois da sua chegada é que Lotta se declara.

Carmen L. Oliveira traz uma versão diferente da festa de aniversário de Bishop. Lotta fez a festa para comemorar a permanência da poeta no Brasil (1995, p. 39). Quer dizer, a turista que chegou em 30 de novembro (Ibidem, 1995, p. 13) decidiu ficar em menos de um mês:

Depois que todos foram embora, Lota deu um anel a Bishop. Nele estava gravado: Lota - 20.12.51. Dia em que Lota tinha proposto a Bishop que ficasse, mudando o destino das duas (Ibidem, p. 40).

Nadia Nogueira confirma o que nos diz Oliveira ao se referir ao pedido de Lotta para que Bishop ficasse em 20/12/1951 (2008, p. 216). No filme, as leituras de poemas não são representadas, mas existe uma cena em que Bishop lê jornal, Lotta fuma e Mary lida com flores. Ela faz lembrar as conversas entre as duas e o apagamento de Mary na história. Esta cena acontece depois que Bishop sofreu com a reação alérgica ao caju.

Nesta mesma passagem, a estadunidense e a brasileira conversam sobre suas famílias. É aí que sabemos que Bishop ficou órfã do pai aos oito meses e da mãe aos cinco anos. Sabemos também da relação entre Lotta e seu pai, José Eduardo. A arquiteta elenca os motivos que a levam a questionar se tem ou não um pai, já que é uma mulher que não se casou nem teve filhos com um homem frustrando os desejos da família.

Nádia Nogueira analisa a personalidade de Bishop relacionando as mudanças ocorridas em sua vida desde que chegou ao Brasil e passou a viver com Lotta que lhe deu um lar aos quarenta anos e a sua premiada produção literária (2008, p. 158-173). Oliveira também pontua essa mudança ao narrar a viagem das duas no ano de 1957 para Nova Iorque, após Bishop ter ganhado o Prêmio Pulitzer por *Norte e Sul - Uma fria primavera*:

Agitaram-se entre compromissos sociais e compras, de uma forma que julgavam desaprendida. Todos os amigos notaram como Bishop estava mudada: estava feliz, saudável, bem-vestida, bem penteada. Todos perceberam também que o motivo da mudança estava a seu lado. Era aquela mulher morena, baixinha, sofisticada, divertida, elétrica, devotada (OLIVEIRA, 1995, p. 87).

Por conta da relação com Lotta, a estadunidense pode reviver algumas das suas memórias de infância e ressignificá-las. No filme, ela conta de forma bem rasa à companheira sobre a perda dos pais. Somente quando com Mary Lotta adota um bebê, é que ela realmente encara o seu passado.

Neste momento do filme é que outro barco faz parte da narrativa fílmica. Mary Morse decide aceitar a proposta de Lotta para adotar um bebê e as velas do barco se enroscam nos

cabelos da bailarina. Essa aparição representa tanto o fim do relacionamento das duas quanto a continuidade da relação de amizade proposta por Lotta a Mary.



Figura 15. O barco de Lotta enrosca no cabelo de Mary Morse (FLORES RARAS, 2013).

No dia em que Lotta foi buscar o bebê, Bishop foi visitar o quarto montado para ele. Sentada no quarto da criança, a personagem recorda a última vez que viu sua mãe. O filme apresenta uma menina de olhos azuis que acorda assustada com os gritos de uma mulher. A menina salta da cama, corre até a porta e vê a mãe com uma camisa de força sendo colocada dentro de uma ambulância por dois homens.

Estas lembranças que fizeram Bishop chorar retardam a sua aparição na sala da casa para conhecer o bebê. Ela chega a tapar os ouvidos com um travesseiro para não ouvir o choro dele. Incomodada com o barulho ela resolve aparecer na sala e constata que não está saindo leite da mamadeira. É Elizabeth quem fura o bico da mamadeira e resolve o problema da fome da criança.

É importante perceber que o filme parece querer passar a mensagem de que Bishop, mesmo dolorida com as lembranças do passado, consegue tomar uma atitude prática que é acalmar o bebê. Assim, além das mudanças de vestimenta, ela muda a postura frente a relação com outras pessoas.

Em *Flores Raras e Banalíssimas*, as lembranças da infância de Bishop são revividas dias depois da sua chegada à Samambaia e na presença de Lotta, ela conta que perdeu os pais cedo e sempre viveu na casa de parentes ou internatos (OLIVEIRA, 1995, p. 33).

A conversa narrada por Oliveira é o gatilho para Lotta pedir a Bishop sua permanência no Brasil. As duas, com insônia, passaram a noite lendo e quase ao amanhecer, a brasileira sugeriu um passeio que foi interrompido pelo anúncio de uma tempestade. A autora cita uma gaiola se estilhaçando liberando um milhão de pássaros (1995, p. 34) a partir da parte II de *Quatro Poemas*, chamado *Chuva na Madrugada* de Bishop:

A grande gaiola de luz explodiu no ar,  
libertando, creio, mais de um milhão de pássaros,  
sombras que sobem, soltas, para nunca mais voltar,  
e todos os fios despencam no chão.  
Não há gaiola, nem pássaros assustadores; a chuva  
está clareando agora. Pálido o rosto  
que provou o enigma dessa prisão  
e o resolveu com um beijo inesperado,  
e as mãos sardentas e insuspeitas repousaram (BISHOP, 2012, p. 203).

Elizabeth também escreveu sobre a infância na Nova Escócia pouco depois da festa de seu aniversário. Devido a asma, tomava cortisona que a deixava eufórica. No dia que tomou também uma dose de gim-tônica, escreveu durante dia e noite um conto sobre sua infância (OLIVEIRA, 1995, p. 44). A nova casa também fez com que ela terminasse “Chegada a Santos” e escrevesse os primeiros versos à Lotta (Ibidem, p. 45).

A poeta só aparece escrevendo a partir do minuto 44 do filme. Depois de lavar os cabelos de Lotta e perceber alguns fios brancos, começa a escrever os versos de *Banho de Xampu*. O poema acaba gerando um momento de intimidade entre as duas quando ela recita alguns versos no ouvido da companheira enquanto penteia os seus longos cabelos negros.

A cena que retrata um ato comum na vida da maioria das pessoas, toma um outro significado nas nossas fontes. No livro, os longos cabelos de Lotta são penteados pela neta, numa espécie de solenidade:

Solto, o cabelo de Lota ia quase até a cintura. Mônica adorava penteá-lo. Com um pente grande percorria a cabeleira grisalha, que alisava com a outra mão [...] (Ibidem, p. 212).

Em *Flores Raras*, depois da chegada de Clara vemos Bishop concluindo a escrita de *Uma primavera Fria* a partir de um longo e demorado processo de revisões. Paralelo ao trabalho poético de Bishop, Lotta dá andamento às obras do estúdio e o apresenta para a companheira.

Na biografia romanceada a homenageada de *O Banho de Xampu*, um mês depois da volta de uma viagem à Nova Iorque deu início ao estúdio prometido a Elizabeth durante sua convalescência. Lotta quis construir uma piscina, replantou a horta e decidiu fazer uma nova estrada para Samambaia (Ibidem, p. 55).

Em *Flores Raras e Banalíssimas*, ainda no processo de tradução de *Minha vida de menina*, Bishop recebe o telefonema de um repórter que anunciava ter ganhado o Prêmio Pulitzer. Com o anúncio, a casa de Samambaia recebeu a imprensa brasileira e ligações de amigos que duvidam da informação (Ibidem, 1995, p. 85).

Bruno Barreto criou uma representação bem encorpada para narrar este marco na carreira de poeta de Elizabeth Bishop. Enquanto ela fotografava Lotta e Clara, Mary entrega um telegrama. Insegura com do que poderia tratar quem toma a frente e o abre é Lotta. A brasileira então anuncia que a estadunidense, pelo livro *Norte e Sul*, ganhou o Prêmio Pulitzer.

Depois deste anúncio, Lotta e Bishop vão até o palácio onde Carlos Lacerda dá uma festa em homenagem à poeta. Em seu discurso, ela aponta o broche Calder ao dizer que nunca se sentiu em casa como no Brasil. O broche foi um presente de aniversário dado por Lotta a Elizabeth no dia em que ela pede que a estadunidense fique no Brasil.

Este broche foi um presente do artista plástico e amigo da brasileira, Alexander Calder que estava a passeio no Brasil. E mesmo narra em reportagem da revista *O Cruzeiro*, como o fez:

Peguei rapidamente numa chapa de alumínio e fiz uma figa... Parece que isto deu efeito, de modo que continuei a trabalhar, e afinal pus um alfinete na figa e dei a Lotta, que a usava como broche (O CRUZEIRO, 1981, n. 62).

Na mesma festa de premiação de Bishop, Carlos Lacerda anuncia que será candidato ao governo da Guanabara. Esta notícia se estende até outro momento quando Lotta e Bishop discutem sobre a ajuda da brasileira na campanha. É importante pensar que, fazendo parte da elite carioca, Lotta ocupava inclusive espaços considerados masculinos, como decisões políticas e comando de trabalhadores.

Oliveira diz que logo cedo, Lotta de roupão, supervisionava as obras (1995, p. 55). Não vemos no filme ela trabalhando de roupão, mas a cena em que ela explode um platô faz referência às explosões necessárias às obras da piscina e o seu comando aos operários.

No filme depois de propor a Elizabeth que ficasse e da primeira relação sexual das duas, já pela manhã Lotta explode uma parte do terreno para construir um estúdio de escrita. Nesta cena ela afirma à Bishop que já nasceu arquiteta e explica com detalhes como será construído.

É depois de mudar flores no jardim que a ideia do barco ressurge. Elizabeth ao receber uma carta de Lowell conta que costumava frequentar os arredores do lago do Central Park com o seu amigo. Depois de uma pequena insinuação de ciúmes, Lotta conta que o barco que decora o banheiro da casa onde moram foi presente de seu pai.



Figura 16. Lotta conta a Elizabeth Bishop sua relação com o pai (FLORES RARAS, 2013).

Novamente ela esboça certa hostilidade a ele quando afirma que velejar era o único ponto de união dos dois. Neste momento da história vemos como se desenvolve a consolidação da história dela com Bishop, quando ambas vão narrando suas vidas uma à outra e acabam se conhecendo melhor.

Bishop que resolveu viajar de navio porque não conseguia trabalhar, no Brasil, escreveu a grande maioria de seus poemas e contos. Lotta arquiteta modernista, construía uma casa no alto da serra de Petrópolis da qual “projetou cada centímetro”.

No filme, seu gosto por projetar e comandar obras arquitetônicas a faz perguntar ao governador eleito o que pretendia fazer com uma área de aterro. Sua sugestão foi a construção de um parque nos moldes do Central Park. A justificativa que convence o novo governador é que a construção da rede de esgoto não ficaria visível e não o colocaria na história. Assim, depois de inflar o ego do governador, Lotta escolhe a roupa para ir à uma reunião com Lacerda. Na sequência anuncia à Elizabeth que será a responsável pelas soluções criativas e supervisão das obras.

Oliveira narra que foi Lacerda quem lhe ofereceu um cargo em seu governo durante sua festa. O governador pediu a ela:

Que informasse naquele instante que cargo lhe agradaria. [...] Lota apontou para um entulho exatamente em frente ao apartamento do governador. Era a continuação do aterro da Glória.  
- Dê-me este aterro. Vou fazer ali um Central Park (1995, p. 95).

Posteriormente, quando o Parque do Flamengo está em obras, reaparece a temática do barco do filme. Lotta discute com o governador sobre um tanque de nautimodelismo (esporte praticado com miniaturas de barcos). No filme Carlos diz que não era hora de discutir sobre coisas pequenas e ela solta, encerrando o assunto: “Eu também acho! Vamos fazer o tanque de nautimodelismo e ponto final”.



Figura 17. Lotta discute com o governador Carlos Lacerda. Captura de tela: Janaína Júlia Langaro (FLORES RARAS, 2013).

No livro, durante a discussão, Lotta grita: “- Carlos! Eu sou a presidente do Grupo de Trabalho do Aterro! (OLIVEIRA, 1995, 129)” e encerra o assunto. Fica clara a sua gana em comandar e decidir todos os detalhes do Parque do Flamengo.

Os dois terços finais do livro *Flores Raras e Banalíssimas* narram o trabalho de Lotta no aterro, com todas as suas dificuldades. A falta da presença dela na vida de Bishop e sua crescente irritação acabam trazendo dificuldade para a relação das duas. Por não possuir diploma de curso superior, Lotta sofreu com as resistências da Superintendência de Urbanização e Saneamento do Estado da Guanabara (SURSAN).

Na tentativa de agilizar a liberação de uma Comissão para trabalhar no parque, Lotta começou a mandar diversas cartas à Carlos Lacerda. Pedia providências, delineava ordens, de forma objetiva e embasada. Apesar das discussões, ela se mantinha fiel ao governador e ao seu trabalho que era realizado sem pagamento (Ibidem, p. 110-3).

Morando no Rio, Bishop não conseguia escrever o que a levou a constantes crises de alcoolismo: “Joana encontrou D. Elizabetchi com a mão cheia de dólares escondida atrás da paredinha de um boteco. Enchendo a cara (Ibidem, p. 108)”.

A empregada Joana, apresentada nas primeiras cenas do filme, só aparece em *Flores Raras e Banalíssimas* no apartamento do Leme. Oliveira cita outras empregadas e até reconstrói o jardineiro que dá nome ao poema de Bishop, *Manuelzinho*, mas eles não têm muita importância na trama.

No filme, a crise de alcoolismo também acontece em um boteco. A estadunidense pede “três copos da sua melhor cachaça” a uma atendente e oferece bebida aos frequentadores do bar. Depois é levada pra casa por um homem a quem chama de “deus núbio”. Lotta está chegando de táxi e a leva para casa bastante irritada.

Lotta se dedicava ao extremo no seu novo trabalho. As duas se mudaram para o apartamento do Leme (quente e pequeno em comparação a casa Samambaia) e sua ausência causou certo desequilíbrio na vida da poeta. Elizabeth tentava a todo custo escrever o volume *Brazil* da coletânea da *Time-Life*. Seu aceite a proposta foi pelo retorno financeiro que além de pagar as despesas de viagens pelo Brasil previa o recebimento de 10 mil dólares (Ibidem, p. 104).

Incomodada com o distanciamento de Lotta, a estadunidense, segundo Oliveira, se desarmou quando a arquiteta disse que iria acompanhá-la à Nova Iorque para auxiliar na edição do livro: “- Elizabeth, você é a coisa mais importante da minha vida. Pode estar certa de que nunca vou lhe faltar (1995, p. 113)”.

Em contraponto a esta abordagem literária, o cinema com *Flores Raras* traz uma cena que, no dia do aniversário de Elizabeth, em função de uma reunião com Lacerda, Lotta só aparece no dia seguinte. A estadunidense que preparou um jantar em Samambaia à espera da companheira fica tão decepcionada que se embebada e amanhece dentro da banheira. Lotta dá um banho na estadunidense que se justifica dizendo que a angústia das coisas dando errado ou mesmo a espera por algo ruim a faziam beber.



Figura 18. Lotta dá banho em Elizabeth Bishop (FLORES RARAS, 2013).

Dias antes Lotta havia repreendido a poeta no jantar em comemoração ao seu Prêmio do *National Book Awards*. Bishop criticou os brasileiros que jogavam bola na praia no mesmo dia do golpe militar na presença do governador Lacerda e de outros apoiadores do golpe.

Oliveira apresenta outra versão: Elizabeth teria ficado bêbada no dia do aniversário de Lotta e chegando ao barracão se portou mal. Depois, em Samambaia, incomodada com as conversas intermináveis sobre o aterro, ficou em seu quarto enquanto Lotta conversava com seus pares (1995, p. 118).

Podemos cogitar que estas mudanças feitas pelo filme dão à história uma abordagem enfatizada no inesperado que é o encontro entre duas mulheres de países e culturas diferentes.

Para quem leu o livro e sabe brevemente da história de vida de Lotta e Elizabeth, este jogo fica um tanto óbvio e diminuiu a carga emotiva que o filme tenta representar.

Como representante dos sentimentos de perda e como instrumento de ligação da história cinematográfica, o tanque de nautimodelismo, que deveria ter barcos em miniatura em suas águas, é visitado por Bishop e se encontra vazio. A estadunidense voltou ao Brasil para visitar Lotta que estava internada num hospital psiquiátrico e foi impedida pelo médico da companheira.

Na visita ao Parque do Flamengo, Elizabeth parece ver no tanque vazio o espaço de silêncios entre as duas depois de sua partida para os EUA. Vazio de água, mas com crianças o utilizando como campo de futebol, o que parece indicar que ela ainda poderia mudar a sua forma de ver ou viver.

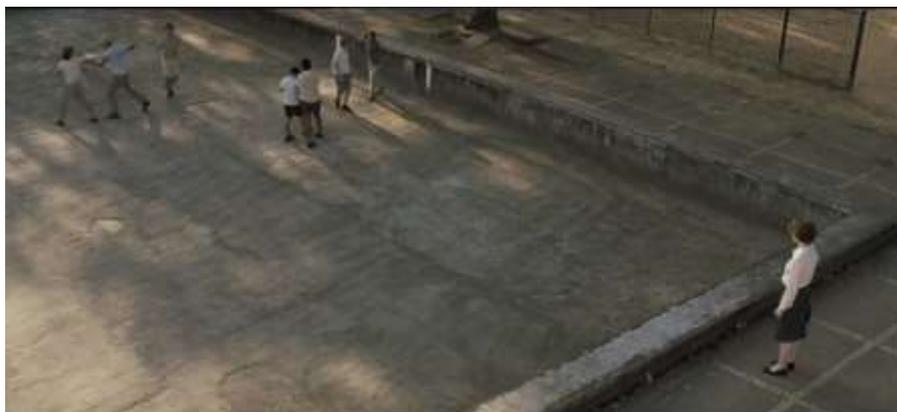


Figura 19. Bishop observa meninos jogar futebol no tanque de nautimodelismo vazio (FLORES RARAS, 2013).

Esta cena parece ironizar o pensamento de Lotta uma vez que ela não queria se ater somente aos campos de futebol. O tanque chega a ser retratado cheio, mas o filme indica que não ocorreu a manutenção necessária, talvez por Lotta estar internada.

Em relação à Lotta, o tanque vazio representa o enfraquecimento da arquiteta pela sua crise depressiva e a perda de sua *Cookie* e do controle do Parque do Flamengo. A arquiteta que dedicou cinco anos da sua vida em prol das obras e sofreu diversos ataques por ser a Presidenta do Grupo de Trabalho.

Com o Golpe Militar de 1964, o trabalho no aterro e, depois, a derrota do candidato de Lacerda nas eleições para governador, Lotta fica doente. Oliveira narra inclusive que a arquiteta teve que ser submetida a uma cirurgia devido a oclusão intestinal e foi acometida por febre tifoide. Bishop por sua vez teve diversas internações em clínicas para se tratar do alcoolismo.

A deterioração da relação através do trabalho foi amplamente abordada pela literatura e pelo cinema. Lotta defendia com unhas e dentes as obras do aterro enquanto Elizabeth se afundava cada vez mais na bebida.

No filme, Lotta apresenta momentos de maior irritação e dificuldade de diálogo com outras pessoas, mas fica doente apenas uma vez e já quando Bishop estava nos EUA. É evidente que Barreto procura vincular a perda de controle de Lotta ao fim do seu relacionamento com Elizabeth. Além disso, no início do filme, Mary Morse anunciou que um rapaz havia se suicidado pela poeta. Na vã tentativa de persuadir Lotta a não deixá-la por Elizabeth também diz que é da natureza de Bishop estragar tudo.

Esta pitada de *Romeu e Julieta*, onde o final dos amores é sempre trágico, chega a causar certo espanto já que Elizabeth, escritora e poeta, também faz “arte” com as pessoas. A mulher de rosto triste e olhos claros é transformada em uma quase divindade que decide sobre a vida e morte de seus admiradores que não conseguem viver sem ela.

A última conversa de Lotta e Bishop no filme, durante a viagem das duas à Ouro Preto, foi onde a arquiteta expôs a sua cólera contra a companheira. Ela ficou inconformada com a decisão de Elizabeth em dar aulas em Nova Iorque e a acusou de não saber viver sem o seu cuidado e proteção.

Lotta fez uma série de cobranças a Elizabeth por nunca ter dito “eu te amo” (mesmo que em nenhum momento do filme esta frase saia de sua boca) e que ela ficaria tão bêbada que iria pedir aos alunos que escrevessem um soneto sobre como “foder um relacionamento”.



Figura 20. Lotta discute com Elizabeth Bishop (FLORES RARAS, 2013).

Elizabeth não aceita ouvir tantas ofensas de Lotta e sai andando. Pega suas malas no hotel e vai para a estação de trem enquanto a brasileira bebe cachaça no bar. Ao voltar para o hotel pelo amanhecer, Lotta percebe que Bishop não está e vai atrás dela chegando na estação no momento em que o trem parte.

Até certo ponto, cria-se a expectativa de que Lotta iria alcançar Bishop. O que acontece é que, ao chegar ao Rio a poeta fez as malas e viajou para os EUA. Arrependida, mas confiante que seu jeito firme tinha feito a estadunidense ficar no Brasil em 1951, Lotta seguiu os conselhos de Mary de que devia se valorizar e decide não procurá-la.

O filme desconsidera a narrativa de Oliveira. Ocorreu uma encenação de Lotta sobre as aulas de Bishop nos EUA, entretanto, mesmo contrariada, as brasileiras a acompanhou até o aeroporto e as duas conversavam por telefone apesar das condições precárias das ligações (1995, p. 190-200).

Nos seis meses que permaneceu dando aulas de poesia nos EUA, Elizabeth conheceu Adrienne. Mesmo feliz com a companhia da jovem, Bishop retornou ao Brasil ao fim do semestre de aulas. Lotta ainda trabalhava no aterra e andava estressada. As conversas entre o casal eram muito difíceis (Ibidem, p. 219).

Apesar dos cuidados de Bishop em esconder seu relacionamento com Adrienne, Lotta descobriu da sua existência ao ler uma carta endereçada à companheira. A partir deste momento, a relação das suas sofreu mais um grande baque e ficou insuportável para Bishop permanecer no Brasil. Ela retornou aos EUA e Lotta teve então sua última e, mais severa, crise depressiva (Ibidem, p. 222, 229).

No cinema, Lotta escrevia cartas para Bishop e Mary as jogava fora. A brasileira na esperança de ter um retorno chegou a cortar o seu longo cabelo para mandar para a poeta como um presente. Quando tem alta, uma das primeiras atitudes é ligar para Bishop avisando que estava indo para os EUA vê-la. Elizabeth estava dormindo com Adrienne.



Figura 21. Elizabeth Bishop atende uma ligação de Lotta (FLORES RARAS, 2013).

Ao chegar ao aeroporto Bishop está a sua espera. Com os cabelos mais curtos e grisalhos e com um ar bastante sofrido, sua aparência difere de Bishop que está sorrindo. Os papéis foram invertidos em relação a chegada de Bishop no Brasil.



Figura 22. Lotta chega aos EUA (FLORES RARAS, 2013).



Figura 23. Elizabeth Bishop acena para Lotta (FLORES RARAS, 2013).

O reencontro é marcado pelo silêncio e pela expectativa que se cria sobre uma possível reconciliação das duas. Depois de mais de 15 anos de convivência elas parecem não se conhecer mais.

As mudanças ocorridas na vida das duas e a separação, durante o filme, aparecem como um abismo que elas não conseguem ultrapassar. Feitas de poucas palavras, as últimas cenas de Lotta, mostram uma mulher fraca e sedenta pela vida que Bishop poderia lhe devolver. Ao invés disso, a brasileira encontra um livro com a dedicatória de uma mulher à Bishop no sofá e pela manhã é encontrada desacordada, com um vidro de remédio nas mãos, por Elizabeth.

Carmen L. Oliveira conta que Bishop encontrou Lotta em pé na cozinha do apartamento. Ao avistá-la, tombou. Depois de uma semana em coma no hospital, veio a falecer. A notícia foi comunicada por telegrama (1995, p. 231).

Alguns apontam que ela, devido à sua condição psicológica, errou a dose da medicação e se intoxicou. No filme, a abordagem direciona para o suicídio. Porém é interessante pensar que Lotta se encontra deitada e coberta. Uma pessoa que tenta o suicídio dificilmente tomaria tantos remédios e depois se deitaria da forma como Lotta fez. Assim, a interpretação suicídio ou intoxicação não fica clara.

De qualquer modo, a morte de Lotta trouxe grande tristeza para Bishop. No filme esta perda fez com que conseguisse terminar *One Art*, seu poema sobre as perdas. Em Flores Raras e Banalíssimas ela retornou ao Brasil, mas foi mal recebida pelos antigos amigos que a culparam pela morte de Lotta (OLIVEIRA, 1995, p. 240).

A última cena do filme traz Elizabeth Bishop sentada no parque lendo seu poema para Lowell. Sua postura e narrativa no poema refletem a sua força emocional construída durante seu período no Brasil.



Figura 24. Elizabeth Bishop é abraçada por Robert Lowell (FLORES RARAS, 2013).



Figura 25. Um barco afunda no lago do Central Park (FLORES RARAS, 2013).

Apontamos a última cena do filme como a continuidade da primeira. O barco de um menino começa a afundar e o pai precisa impedir que ele se jogue no lago para salvá-lo. Neste momento, depois da morte de Lotta, Bishop lê o poema *Uma arte* completo e é confortada por Robert Lowell. O poema que inicia e encerra o filme trata da visão construída por Elizabeth Bishop acerca das perdas:

[...] A arte de perder não é nenhum mistério.

Perdi duas cidades lindas. Um império  
que era meu, dois rios, e mais um continente.  
Tenho saudade deles. Mas não é nada sério.

Mesmo perder você (a voz, o ar etéreo, que eu amo)  
não muda nada. Pois é evidente  
que a arte de perder não chega a ser um mistério  
por mais que pareça muito sério (BISHOP, 2012, p. 363).

Este poema está incluído no livro *Geography III* que a poeta publicou no ano de 1976. Sabendo-se que Lotta morreu no ano de 1967, a hipótese de que seja em homenagem a ela se torna possível. Entretanto, mesmo que não tenha sido a intenção de Bishop, o diretor do filme soube encaixar o poema na construção do filme e da própria força da personagem estadunidense.

### 3.2 - As diferenças das narrativas literária e cinematográfica

A análise, literária e cinematográfica, para além do grande volume de material a ser trabalhado, expôs alguns pontos a serem destacados. *Flores Raras e Banalíssimas* é uma obra que praticamente inaugura os estudos acerca da história de amor entre Lotta de Macedo Soares e Elizabeth Bishop. Carregando tal fardo, a autora se baseou em fontes primárias (cartas da brasileira e estadunidense para outras pessoas) e relatos orais.

Deste modo, Oliveira precisou romancear diversos pontos ou espaços vazios deixados pela memória e pelos documentos. Alcançou êxito, seu livro foi traduzido e premiado nos EUA e virou fonte de diversos trabalhos historiográficos.

As obras biográficas muitas vezes sofrem resistência das historiadoras, porém, não encarando-as como uma busca pela verdade, mas sim como reflexo do posicionamento da autora no tempo e no espaço, podem servir de fontes para a pesquisa histórica. Assim fizemos e usando o cinema, também muitas vezes visto com desconfiança, construímos este trabalho de conclusão de curso.

Desde o início, a proposta foi analisar as representações, literária e cinematográfica, da vida em comum de Lotta e Elizabeth. Com isso, analisamos momentos em que foram reforçados estereótipos criados para encaixar as mulheres lésbicas em formas heteronormativas. Pontuamos que o diretor do filme foi quem mais representou a oposição imaginária homem-mulher. Ao colocar Lotta como uma mulher que, além de usar roupas “masculinas” para a época em que viveu e comandar obras arquitetônicas, quase não expressa sentimentos românticos, ficando mais no lugar de uma provedora das mulheres que convive.

Elizabeth Bishop, teve como suas características mais fortes durante o filme, a hesitação, a fragilidade e o alcoolismo. Uma mulher que com seis obras publicadas é considerada uma das melhores poetas de língua inglesa do século XX, foi retratada de forma muito superficial ou quem sabe, apenas com estas características que não a sua curiosidade e senso de humor.

Carmen L. Oliveira trouxe uma Elizabeth, desconsiderando o que as amigas de Lotta falavam dela durante o livro, muito mais interessante. A estadunidense teve suas crises de alcoolismo e asma, contudo, viajou pela amazônia e pelo Rio São Francisco, comprou uma casa em Ouro Preto e a reformou de forma independente.

Lotta não participava destas andanças de Bishop pois estava envolvida, primeiramente com as obras em Samambaia e depois com a construção do Parque do Flamengo. Da mesma forma que Elizabeth, a arquiteta apresentada por Oliveira é uma mulher muito mais cativante

que a criada por Barreto. *Flores Raras e Banalíssimas* a retrata como amante da arte, conhecedora de botânica e carinhosa com amigos e empregados. A neta Clara, que é tratada como Mônica, não foi comprada para manter Mary por perto e não tem citação de que Lotta tenha influenciado na sua adoção, apontada como feita em um orfanato.

As representações, literária e cinematográfica, restritas em complexidade, de nenhuma forma reduzem a relevância das mesmas, pois como explicitado durante o trabalho, nos propomos a analisá-las pelo viés da História Cultural. Considerando que elas são reflexo do momento em que foram feitas e das possibilidades dos seus formatos, seus resultados são satisfatórios. Ler o livro ou assistir o filme a partir de nossas ponderações, pode ser um bom exercício para compreendê-los.

Como mero entretenimento, a abordagem fílmica pode solidificar algumas visões já vistas como ultrapassadas tais como, num casal de mulheres, uma sempre vai assumir o papel de “homem” enquanto a outra agirá como uma “mulher”. Já o livro, pode gerar um sentimento de desabonador de Elizabeth que não soube compreender as necessidades de Lotta e a abandonou num ato de egoísmo. A abordagem dos imbrólios das obras de construção do Parque do Flamengo podem ser vistos somente como ataques pessoais à presidente do Grupo de Trabalho e não travas políticas como também foram.

Todas estas reflexões foram geradas ao longo do processo de pesquisa e escrita deste trabalho e acabam sendo, a partir dos contrapontos bibliográficos, nossas posições em relação às obras. De qualquer modo, a interpretação das artes é algo que, ocupando o mundo acadêmico e não-acadêmico expande as possibilidades de interpretação do mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a analisar historicamente as representações, literária e cinematográfica, da história de amor entre duas mulheres. Ocorrida nas décadas de 1950-1960 no alto da serra de Petrópolis - RJ, estas narrativas trouxeram diversos pontos e desafios, sem os quais não teria sentido de ter sido desenvolvida tal empreitada.

O primeiro obstáculo, podemos dizer, foi o distanciamento necessário entre a historiadora e as obras. Não foram raros os momentos em que a história emocionou e até trouxe questionamentos sobre os motivos que levaram a Lotta ser apagada da história do Rio de Janeiro e de Elizabeth ser tão pouco conhecida no Brasil, país que viveu por quase duas décadas.

Dissecar as fontes também nos levou a encontrar as deficiências, de representação ou escolhas, que transformaram duas mulheres inteligentes e cultas em personagens não muito complexas. Ao abordar em maior medida os conflitos amorosos e descontroles emocionais das duas protagonistas, a literatura e o cinema escolheram os caminhos mais simples e aceitos pelo público.

Tanto a incapacidade de controlar as obras do parque quanto de resistir ao alcoolismo foram fatos da vida de Lotta e Elizabeth, mas não marcos definidores dos limites de suas capacidades intelectuais ou profissionais.

Aquela que assumiu sua orientação sexual em meados do século XX e viveu de forma livre em uma sociedade como a brasileira, foi quase que reduzida a um homem num corpo de mulher. Por sua vez, a poeta delicada e tímida, praticamente virou uma folha em branco onde quem escreve a sua rota de vida são sempre os outros.

A acentuação das características - masculina e feminina - em Lotta e Elizabeth ajuda a reforçar os estereótipos de que em um casal de mulheres, representado como heterossexual, em que uma assume o papel de “homem” enquanto a outra toma o papel de “mulher”. As calças compridas usadas pela brasileira ou o constante olhar triste da estadunidense não deveriam ser marcados com tanto ênfase, mas fazer parte do conjunto que formava a personalidade complexa e criativa das duas.

Não negamos por outro lado, o quanto estas obras podem significar para os grupos de lésbicas. A representatividade e visibilidade de uma de suas formas de vida demarca a existência de vidas muitas vezes esquecidas. As personagens foram simplificadas em suas carreiras profissionais, talvez, para dar maior destaque ao relacionamento com seus altos e baixos.

O fim trágico da história de amor entre Lotta e Elizabeth foi um fato real que não teria sentido ser narrado de outra forma. A alergia ao caju teve suas mudanças e mesmo assim, conseguiu carregar em si, a representação das lutas internas de Elizabeth contra seus desejos e querências.

A análise da construção das duas personagens em uma obra de arte pode gerar mais que a interpretação das fontes. Ela serve para que outras pessoas interessadas possam olhar para elas ou para qualquer outra representação com um olhar mais crítico e interpretativo.

Encerramos a pesquisa e construção de sentidos deste trabalho com a esperança de que ele possa contribuir para o desenvolvimento da interpretação das coisas e não a sua simples aceitação. Para além da obtenção de um diploma ou do conhecimento sobre as representações como fontes importantes para a história, buscou-se fazer uma homenagem a duas grandes mulheres trazendo para o debate suas características menos conhecidas.

Construímos, a partir da nossa interpretação, algumas soluções para que Lotta e Elizabeth pudessem ser retratadas de forma mais profunda e complexa. Como concluímos que *Flores Raras* não abordou diversas passagens das vidas das duas, seria interessante produzir um audiovisual de maior duração, como uma série ou minissérie. Com isso, as viagens de Elizabeth pelo interior do Brasil, a adoção de Kylso por Lotta e as longas conversas do casal poderiam ser melhor representadas.

Temos a percepção de que as nuances da personalidade das duas, os sofrimentos e alegrias compartilhados e todo o processo de estudo independente de Lotta e de criação de poemas por Bishop, seriam melhor representados e iriam refletir as grandes personalidades que ambas expressaram durante suas vidas profissional e pessoal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCOFF, Linda. Feminismo cultural vs. Post-estruturalismo: la crisis de identidad de la teoría feminista. Tradução de M. Rosario Martín Ruano. *Journal of Women in Culture and Society*. vol. 13, n. 3, 1988. Disponível em: <[http://148.202.18.157/sitios/catedrasnacionales/material/2010a/cristina\\_palomar/2.pdf](http://148.202.18.157/sitios/catedrasnacionales/material/2010a/cristina_palomar/2.pdf)> . Acessado em 20 nov. 2018.

ALVES, B. Trilha Sonora: o cinema e seus sons. *Novos Olhares*, v. 1, n. 2, p. 90-95, 30 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/55404>>. Acessado em 8 nov. 2018.

BISHOP, Elizabeth. 1911-1979. *Uma arte: as cartas de Elizabeth Bishop*. Tradução de Paulo Henriques de Britto. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *Poemas Escolhidos de Elizabeth Bishop*. Tradução e seleção de Paulo Henriques de Britto. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BORGES, Vavy Pacheco. Fontes Biográficas: Grandezas e misérias da biografia. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 2 ed. 1. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008. p. 203-234.

CHARTIER, Roger. *El mundo como representación: estudios sobre historia cultural*. Barcelona: Gedisa, 2005.

\_\_\_\_\_. *A história ou a leitura do tempo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DIEHL, Astor Antônio. *Ideias de futuro no passado: Memória, Ciência e História*. Passo Fundo: Berthier, 2015, p. 15.

ESTADÃO. *Bruno Barreto volta aos anos 1950 para tratar de perdas*. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/cinema,bruno-barreto-volta-aos-anos-50-para-tratar-de-perdas-em-flores-raras,919783>>. Acesso em 18 out. 2018.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1986.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. *A mulher como “o outro” - A Filosofia e a Identidade Feminina*. s. v. s. d. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5612.pdf>>. Acessado em 21 nov. 2018.

FGV. *José Eduardo Soares*. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/soares-jose-eduardo-de-macedo>>. Acesso em: 14 set. 2018.

FLORES RARAS. Direção de Bruno Barreto. Produção de Paula Barreto, Lucy Barreto. Realização de Lc Barreto. Intérpretes: Glória Pires, Miranda Otto. Roteiro: Carolina Kotscho, Matthew Chapman. Música: Marcelo Zarvos. Rio de Janeiro: Globo Filmes, Lc Barreto, 2013. 1 DVD (118 min.), son., color. Legendado.

GUARANHA, Manoel Francisco. *Literatura e Cinema: Da palavra à imagem*. Adaptação e recriação. In: HÖFFLER, Angélica; PENTEADO, Claudio Luis de Camargo (Coord.). *Cinema, literatura e história*. Santo André: Ed. Universidade do Grande ABC, 2007.

G1. *Estreia*: 'Flores raras' retrata paixão entre poeta e paisagista em crise. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2013/08/estreia-flores-raras-retrata-paixao-entre-poeta-e-paisagista-em-crise.html>>. Acessado em 12 out. 2018.

IBGE. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. v. 22. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1960.

JOSEF, Bella. Cinema e Literatura: algumas reflexões. *Revista Contexto*. n. 17, p. 236-253, jan./dez. 2010. Disponível em <<http://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/6601>>. Acessado em 17 out. 2018.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GUARANHA, Manoel Francisco. *Literatura e Cinema: Da palavra à imagem - Adaptação e recriação*. In: HÖFFLER, Angélica; PENTEADO, Claudio Luis de Camargo (Coord.). *Cinema, literatura e história*. Santo André: Ed. Universidade do Grande ABC, 2007.

MATTOS, Paulo André de. Entre a história, a vida e a ficção - Artes do tempo. *Revista Educação e Realidade*. n. 28, v. 2, p. 55-67, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25640>>. Acessado em 15 out. 2018.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p.13.

MONTEIRO, George (org.); BETTONI, Rogério (trad.). *Conversas com Elizabeth Bishop*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

NOGUEIRA, Nádia. *Invenções de si em histórias de amor: Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop*. 1 ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

O CRUZEIRO. *Alexander Calder*. Edição 62. 1981.

OLIVEIRA, Carmen L.. *Flores raras e banalíssimas: a história de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop*. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

ROCCO. *Autor Carmen Lucia Oliveira*. Disponível em: <<https://www.rocco.com.br/autor/?cod=80>>. Acesso em: 01 set. 2018.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Educação e Realidade*. v. 20, n. 2. 1995. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721>>. Acessado em 22 out. 2018.

SIMAS, Eliana Costa. *A visão modernista de Lotta de Macedo Soares e o planejamento do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 2016. Monografia – Bacharelado em Museologia. Departamento de Museologia. Centro de Ciências Humana e Sociais - CCHS. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Mestre Avelina Addor.

VIMEO. Entrevista com Carmen L. Oliveira. Disponível em: <<https://vimeo.com/151089151>>. Acessado em 18 out. 2018.

## ANEXOS

### 1. Tabela Livro Flores Raras e Banalíssimas

	Elizabeth	Lotta
cap. 1 - Boston, 1978		
vida social		
vida afetiva		
vida profissional	1 - Dificuldade em escrever	
cap.2 - Ó turista		
vida social	1 - Encontro com a conhecida Mary Morse no RJ. 2 - Dificuldade em manter uma conversa com Mary.	1 - Mantém contato próximo com os trabalhadores da casa.
vida afetiva		1 - Está casada com Mary Morse.
	1 - Tem início a aproximação das duas através das leituras compartilhadas durante a noite.	
vida profissional	1 - Dá início a um poema sobre a sua viagem.	1 - Toca as obras da casa que projetou.
cap.3 - O pedúnculo indecente		
vida social	1 - Quando criança morou com familiares devido a morte dos pais. Lembranças tristes e dolorosas. 2 - Se espanta com a forma que os brasileiros tratam a sua crise alérgica.	1 - Nascida em Paris, morou um tempo no Brasil e na Bélgica. Aprontava com amigas. 2 - Chama amigos para visitar Bishop doente.
vida afetiva	1 - Uma mordida num caju faz com que tenha uma reação alérgica.	1- Pede que Bishop fique com ela no Brasil.
	1 - Aproximação das duas é cada vez maior. Se beijam depois de uma noite de revelações sobre suas infâncias e insônia.	
vida profissional	3 - Começa a escrever com mais rapidez.	1 - Lotta se dedica à construção da sua casa. 2 - Desenha um estúdio para Elizabeth.
cap.4 - Era uma vez rei chinês		

vida social	1 - Lotta faz questão de dar uma festa de aniversário para Bishop e convida seus amigos da elite carioca para a comemoração.	
vida afetiva	1 - Suas resistências vão diminuindo a partir do amor e cuidado de Lotta. 2- Faz os primeiros versos para Lotta.	
vida profissional	1 - Bishop consegue escrever bastante. 2- Faz os primeiros versos para Lotta.	1 - Toca as obras da casa e do estúdio. 2 - Respeita os momentos em que Bishop está escrevendo.
Cap. 5 - Rio de Janeiro, 1994		
As amigas de Lotta comentam sobre sua infância, juventude e vida com Elizabeth Bishop.		
Cap. 6 - Miudezas do cotidiano		
vida social	1 - Mantém conversas animadas sobre literatura com Lacerda.	1 - Percebe o talento da empregada doméstica e lhe incentiva a pintar. 2 - Organiza o casamento da empregada e do jardineiro.
	1 - Passam 6 meses em NY.	
vida afetiva	1 - tem crises de alcoolismo e é apoiada por Lotta.	1 - Passa a chamar Bishop de “Cookie” por causa da sua comida. 2 - apoia Bishop e a incentiva a tomar remédios para controle do alcoolismo.
	1- Subentende-se que as duas transam. 2 - As duas viajam para Ouro Preto pois Bishop tinha o desejo de conhecer a cidade.	
vida profissional	1 - Tem dificuldade de escrever. 2 - Escreve “Manuelzinho”. 3 - Escreve um poema para Lotta. 5 - Decide traduzir para o inglês o livro <i>Minha Vida de Menina</i> . 4 - Aceita a proposta de fazer a publicação de um livro de poemas novos e já publicados.	1- Depois da viagem retoma as obras da casa.
cap. 7 - O verdureiro da sorte		
vida social	1 - Mantém conversas animadas com Flávio, sobrinho de Lotta. 2 - Não aprendeu a falar português o	1- articula para publicar um poema de Bishop na revista Anhembi. 2 - verdureiro manda os parabéns pela sorte

	<p>que dificultava a conversação.</p> <p>3 - viaja para a amazônia com Aldous Huxley.</p> <p>4 - ambas recebem Antônio Callado que vê entre elas um amor antigo e bom.</p> <p>5 - viaja com Rosinha e Manoel para a Amazônia.</p>	<p>de Bishop ter ganho o Prêmio Pulitzer.</p> <p>3 - as festas e reuniões de amigos foram sendo cada vez mais raras por causa do alcoolismo e dificuldade em conversar de Elizabeth.</p> <p>4 - Lotta não se interessa em conversar com Sandra Cavalcanti.</p>
vida afetiva	<p>2 - Feliz, escreve um salmo para celebrar a vida com Lotta.</p>	<p>1 - Foi a guarda de Bishop durante a viagem.</p>
	<p>1 - Mantém o hábito de ler juntas.</p> <p>3 - As obras da biblioteca acabam e ambas arrumam seus livros juntas.</p>	
vida profissional	<p>1- Viajava para Diamantina para escrever a introdução do livro <i>Minha vida de menina</i>.</p> <p>2 - Ganha o Prêmio Pulitzer pelo seu livro.</p> <p>3 - Recebe amigos de Lotta, repórteres e embaixada para entrevistas</p> <p>4 - a publicação de <i>Minha vida de menina</i> recebe críticas elogiosas, mas não vende muito.</p>	<p>1 - Lotta não consegue vender as terras do seu loteamento em Samambaia.</p> <p>2 - se sente incomodada pq apesar de ter muitos conhecimentos não consegue trabalhar.</p>
cap 8 - Bela Pindorama		
vida social	<p>1 - se sente melhor com a cia da empregada</p>	<p>1 - contrata a empregada Joana</p> <p>2 - recebe no apartamento do Leme amigos como Rachel de Queiroz, Burle Marx, etc</p>
vida afetiva		
vida profissional	<p>1 - Morando no RJ se sente sufocada e volta a beber.</p>	<p>1 - Pede ao governador que lhe dê o aterro do flamengo para construir um parque em dez/60</p>
cap 9 - Dona Lota		
vida social		
vida afetiva	<p>1 - sente vergonha em pedir que Lotta a acompanhe em sua viagem</p>	<p>1 - se dispõe acompanhar Bishop aos EUA para a edição do livro sobre o <i>Brazil</i>.</p>
vida profissional	<p>1 - aceita a proposta de escrever para a <i>Time</i> um livro sobre o Brasil</p>	<p>1 - enfrenta Lacerda para destravar o andamento do parque</p> <p>2 - se nomeia presidente do recém criado GT do aterro</p>

cap 10 - Why?		
vida social		
vida afetiva		
vida profissional	1 - o trabalho de revisão do livro deixa Bishop devastada por causa das alterações dos editores.	2 - em janeiro de 1961 é nomeada como assessora da urbanização do aterro. 3 - contata amigos arquitetos para a obra 4 - seu trabalho passa a sofrer com resistências dos técnicos da SURSAN.
cap 11 - O barracão		
vida social		1 - procura uma amiga para conversar sobre o trabalho no parque
	1 - ambas recebem Robert Lowell (amigo de Bishop) e sua família e o apresentam ao governador.	
vida afetiva	1 - aparece bêbada no trabalho de Lotta no dia do aniversário dela. 3 - fica difícil conversar com Lotta	
	1 - ambas se distanciam em função do trabalho de Lotta no Aterro	
vida profissional	1 - resolve traduzir um conto de Clarice Lispector	1 - chama a educadora Ethel Bauzer Medeiros para desenhar os playgrounds do parque 2 - briga por telefone com Lacerda e outros políticos. 3- pensa em criar uma fundação para gerir o parque
cap 12 - A cadela cor-de-rosa		
vida social	1 - rompe relações com Mary Mc Carthy pois acha que ela escreveu um livro caricaturado dela e Lotta	1 - fica doente e precisa fazer uma cirurgia 2 - sai para conversar com Vivinha
vida afetiva	1 - Bishop na falta de uísque bebe os frascos de perfume 2 - o medo de perder Lotta faz com que Bishop beba ainda mais	
vida profissional	1 - escreve <i>Os ladrões da babilônia</i> depois de assistir uma perseguição policial	1 - discute constantemente com o governador sobre o parque 2 - sofre ataques pelo seu trabalho por políticos e jornais

cap 13 - O merdô		
vida social		
vida afetiva	1 - tem esperança de que a relação com Lotta melhore depois da viagem	
	1 - viajam para a Itália onde as duas voltam a se aproximar e ter momentos juntas, entretanto, Lotta retorna antes da viagem.	
vida profissional	1 - escreve sobre o natal que passaram na casa de Manoel Leitão 2 - recebe o convite para dar aulas na Universidade de Washington	1 - discute por carta com Lacerda sobre o parque 2 - dá opiniões sobre o Parque Lage que são aceitas pelo governador 3 -para resolver o problema do esgoto do parque, resolve criar a praia do Botafogo 3 - trabalha no projeto de tombamento do Parque do Flamengo
cap 14 - Noite de luar intenso		
vida social	1 - crises de alcoolismo frequentes 2 - fica mais próxima de Ashley 3 - viaja com Ashley para Ouro Preto	1 - em uma apresentação do Teatro Municipal de RJ chama a atenção de Ashley Brown
vida afetiva	1 - Lotta a repreende por beber demais	1 - fica brava com o anúncio de Bishop de que vai dar aulas nos EUA
vida profissional	1 - aceita dar aulas na Universidade e Washington	1 - Lacerda diminui seu apoio ao trabalho no parque 2 - chama Richard Kelly para solucionar de forma inovadora a iluminação do parque e sofre diversos ataques
cap 15 - Bububu no bobobó		
vida social	1 - volta da viagem à Ouro Preto 2 - por conta de seu artigo Bishop é tratada de forma esquisita pelas amigas de Lotta 3 - reclama com a médica Baumann sobre o estresse de Lotta	1 - vai com Bishop e Ashley a um desfile de escolas de samba 2 - resolve mandar Bishop à Ouro Preto para que ela se recupere das críticas
vida afetiva		1 - não conta à Bishop sobre as críticas ao seu texto pois sabe que suas reações são bastante intensas. 2 - traduz à resposta de Bishop às críticas de Fernando de Castro

vida profissional	<p>1 - aceita escrever um artigo para a revista New Yorker Times Magazine sobre o Rio de Janeiro</p> <p>2 - seu artigo é bastante alterado pela editora e as fotos selecionadas não agradam Bishop</p> <p>3 - Fernando de Castro do jornal Correio da Manhã faz uma extensa crítica ao seu artigo</p>	1 - envia uma extensa carta para Lacerda cobrando atitudes
cap 16 - A fundação		
vida social	1 - viaja para a Bahia, conhece Jorge Amado e Zélia Gattai	
vida afetiva	<p>1 - se entristece com o recebimento seco de Lotta na sua volta da viagem da Bahia</p> <p>2 - não participa da inauguração do parque com Lotta</p>	
vida profissional		<p>1 - todos elogiam o resultado das obras do parque do Flamengo</p> <p>2 - articula e capta apoio de intelectuais para o projeto da Fundação Parque do Flamengo</p> <p>3 - resolve pedir que Lacerda a indique como sucessora ao governo da Guanabara</p> <p>4 - o indicado de Lacerda perde as eleições e a ideia da Fundação ficou mais distante</p> <p>5 - faz a inauguração "oficial" do Parque</p> <p>6 - Roberto Burle Marx a ataca no jornal</p> <p>7 - se defende pelo jornal O Globo</p> <p>8 - profissionais do GT também se defendem nos jornais</p> <p>9 - Carlos cria por decreto a Fundação Parque do Flamengo</p>
cap 17 - Qualquer grande esperança é grande engano		
vida social	1- se hospeda em Ouro Preto na casa da amiga Lili	
vida afetiva	<p>1 - sente falta da Lotta de Samambaia</p> <p>2 - compra um casarão em Ouro Preto e fica bastante feliz por ter planos</p> <p>3 - dedica seu livro Questões de Viagem para Lotta</p> <p>4 - não toma os remédios contra o alcoolismo</p>	<p>1 - vai buscar Bishop em Ouro Preto</p> <p>2 - se desarma com a dedicatória de Bishop</p> <p>3 - obriga Bishop a tomar os remédios contra o alcoolismo</p> <p>4 - discute com Bishop sobre sua ida aos EUA como professora e faz imitações de como seria a chegada dela bêbada à sala de</p>

	5 - tenta oferecer à Lotta novas possibilidades de vida que não o Parque 6 - se sente sozinha de novo ao chegar ao hotel	aula
	1 - a despedida na ida de Bishop à Seattle é bastante difícil para ambas. Se Lotta tivesse pedido para Bishop ficar de outra forma talvez a poeta reconsiderasse.	
vida profissional	1 - escreve com mais facilidade 2 - faz planos para as aulas de poesia 3 - viaja à Seattle para dar aulas	1 - com a posse do novo governador Negrão de Lima, a Assembleia revoga o decreto da fundação e ela entra com um mandato de segurança para assegurá-la
cap 18 - A porrada de Camões		
vida social	1 - fazem uma festa de recepção no Ano Novo na Universidade 2 - se sente bastante incomodada em ter que falar com muita gente da festa 3 - seus alunos comandados por Adrienne montam um apartamento	
vida afetiva	1 - conhece Adrienne Collins e se encanta com seus olhos e sorriso 2 - vai tomar chocolate quente com Adrienne e se sente desconcertada	1 - se mostra fria ao telefone com Bishop 2 - as conversas com Bishop são desanimadoras
vida profissional	1 - se arrepende de dar aulas	1 - recebe outro ataque da imprensa através do O Globo sendo acusada de receber salários altos e por isso sua insistência em querer a fundação 2 - escreve seu direito de resposta no jornal 3 - marca uma audiência com o Castello Branco para tratar do Parque 4 - discute com o secretário das Obras do RJ 5 - apresenta o Parque a Negrão
cap 19 - As melaloucas de Lorena		
vida social		1 - Joana a empregada doméstica cuida dela
vida afetiva	1 - se envolve com Adrienne 2 - Adrienne avisa que está grávida 3 - as conversas pelo telefone com Lota são difíceis 4 - se sente culpada e feliz por estar com Adrienne	1 - se sente triste e sozinha. 2 - só dorme com medicação 3 - escreve uma carta para Bishop exaltando a vida delas em Samambaia

vida profissional		1 - se mantém no trabalho e articulando para que o Parque fosse cuidado 2 - precisa despachar brinquedos colocados no Parque
cap 20 - Não temos tempo para lógicas		
vida social		
vida afetiva	1 - se sente bem com Adrienne 2 - se sente culpada por deixar Lotta	1 - sai passear com Mônica como sua avó
vida profissional	1 - tem embates com alunos 2 - bebe sem controle e falta às aulas	1 - faz cobranças ao pessoal do executivo a fim de conseguir garantir a manutenção do parque 2 - entra em combate com o primo responsável pela limpeza da Guanabara 3 - é atacada de novo por Burle Marx
cap 21 - O mafuá		
vida social		
vida afetiva	1 - se sente feliz por voltar para Lotta e triste por deixar Adrienne 2 - viaja com Adrienne para as Ilhas San Juan e decide manter correspondência com ela	
vida profissional	1 - em setembro as aulas terminam e suas aulas são bastante criticadas e seus colegas não se sentiram seus colegas dada a distância de Bishop	1 - o parque é boicotado pelas autoridades 2 - não desiste do parque e tenta recursos
cap 22 - Sóis se põem		
vida social		1 - se acidentou de carro com Lilli
vida afetiva	1 - viaja a Ouro Preto	1 - Lotta encontra uma carta de Adrienne endereçada para Bishop e a confronta
		1 - a relação com Lotta fica difícil, Bishop não podia falar de Seattle e Lotta só falava do parque 1 - as discussões com Bishop são frequentes e ambas não conseguem se acertar
vida profissional		1 - os Marinho inventam de instalar equipamentos. ela fica de acordo mas eles têm péssimas condições e ela se vê mal diante da situação

		2 - um embate com o governador Negrão de Lima leva à cassação da liminar da fundação que mantinha funcionando 3 - sai do comando da fundação e viaja à Ouro Preto
cap 23 - Rio de Janeiro, 1994		
As amigas de Lotta se despedem depois da conversa sobre ela. Está claro que muito tempo tinha se passado e que muitas coisas mudaram dos anos 1960 para 1994.		
cap 24 - Boston, 1978		
vida social	1- a poeta se recorda dos últimos momentos que esteve com Lotta e lamenta as saudades que tem da companheira	
vida afetiva		
vida profissional		
cap 25 - Fontes		
cap 26 - Agradecimentos		

## 2. Tabela descritiva do filme Flores Raras

Baseado numa história verídica
Um barquinho no lago de um parque e Bishop lê um trecho do poema UMA ARTE para Robert Lowell. Ele diz que o poema está incompleto
Bishop pede que Cal escreva na sua lápide que foi a “mulher mais solitária do mundo” e diz que só fala assim antes da primeira bebida do dia
Reaching for the moon
Elizabeth observa o mar durante a viagem
Chega ao RJ e reclama pela rapidez da viagem
Hesita colocar POETA como profissão
Lotta e Mary a buscam no hotel
Bishop estranha a recepção com um abraço de Lotta. Mary diz que Lotta dirigiu como uma louca
Toca “Kalu” de Dalva de Oliveira e Lotta canta junto
Lotta apresenta a empregada Joana como sua irmã negra. Novamente se surpreende com o abraço da empregada
Bishop observa a relação de Lotta com os empregados e vê a obra de uma casa
Lotta se incomoda com a estranheza de Bishop. Mary percebe e diz que a casa é para as duas. Diz que não fala com a família por causa de Lotta. Bishop diz que não liga para a relação das duas
Bishop pede se Mary continua dançando e elogia a forma dela. Mary diz que é todo seu se referindo ao quarto e Bishop a encara de forma marota
Lotta apresenta orgulhosa a obra da casa que ela projetou “cada centímetro”. Não gosta que Bishop não faz comentários. Bishop se encanta com um gato
No banho, Mary lava o cabelo de Lotta, comenta que Bishop é tímida, perigosa e que sempre estraga tudo. Conta da relação das duas na faculdade e que um rapaz se matou por causa de Bishop e que elas duas quase tiveram um relacionamento mas que fingiam ser quem não eram
Almoço de inauguração da casa de Lotta. Bishop separa as nozes da farofa. Bishop se recusa a terminar de recitar seu poema iniciado por Lacerda. Lotta completa o poema
Bishop bebe uísque no quarto quando Lotta a confronta por causa do almoço. Bishop se explica dizendo que ficou mortificada e que não é igual a Lotta que consegue se orgulhado do próprio trabalho. Lotta se ameniza e dá um selinho de boa noite à “mulher estranha”
Lotta penteia os longos cabelos

Bishop aparece com as malas dizendo que vai ao RJ. Lotta insiste que seria bom pra Bishop ficar um tempo a mais no Brasil. Mary diz que vai a levar para o RJ
Mary e Lotta conversam e Bishop observa. Dá DUAS mordidas num caju e se assusta ao ver que tem castanha
Bishop é internada e fica com o rosto vermelho. Pede a Lotta se ainda quer beijá-la. Mary fica com Bishop no hospital
Bishop retorna à Samambaia e pede a Lotta se tem caju. Lotta diz que o truque só dá certo uma vez. Bishop reconhece o broche Calder de Lotta. Mary traz o gato. Lotta diz que o próximo navio sai em 3 semanas
Bishop pede ajuda para Lotta sobre expressões brasileiras do jornal. Pede a Lotta quem é José Eduardo de Macedo Soares. Lotta diz que ele dormiu com sua mãe 9 meses antes de ela nascer e que ela é tudo que seu pai não queria para uma filha. Bishop diz que pelo menos ela tem um pai já que o dela morreu quando tinha 8 meses e que sua mãe foi internada quando tinha 5 e já morreu. Mary observa.
Festa de aniversário para Bishop. Lotta dá seu broche Calder para Bishop. O casal de amigas dá uma camisa, Lacerda um livro de Manuel Bandeira e Mary um par de sapatos para a viagem. Todos pedem discurso. Bishop fala: “à rocha sob nós, que sustenta esta casa e a tudo na vida que pode parecer improvável, mas não é impossível” (PARECE SER ADAPTADO DE UM DE SEUS POEMAS).
Depois da festa Lotta sai com Bishop de jipe e Mary observa. Lotta diz que ama o calder em Bishop. Bishop diz que deveria ter ficado com ele. Lotta diz que pode ficar com os dois (Bishop e o calder). Bishop questiona sobre Mary. Lotta beija Bishop. As duas voltam
Mary anuncia a Lotta que vai embora e Lotta pede que fique. Mary diz que fica só se Bishop for embora e Lotta diz que não. Mary chora e começa a chover. Lotta sugere que adotem um bebê. Mary agride Lotta e acaba consolada por ela. Bishop espera no jipe sai caminhando na chuva. Lotta consola Mary que vai para o apartamento do Leme
Bishop volta para a casa. Bishop sente por Mary ser uma de suas amigas mais antigas e Lotta pergunta que tipo de vida quer levar colocando a amizade acima do amor. As duas se beijam e transam com Bishop “no comando”. Pela manhã Bishop acorda e se assusta com barulho de explosão.
Lotta desenha o estúdio para Bishop. Bishop pede onde estudou arquitetura e Lotta diz que nasceu arquiteta.
Bishop usa binóculos para observar Mary voltar à Samambaia. Mary aceita a proposta de Lotta.
Bishop diz que pretende voltar aos EUA até Lotta se resolver com Lotta. Lotta diz que quer ter tudo que puder ter e questiona se Bishop que que ela ceda as tradições já que não vai ter filhos biológicos. Diz que ela e Bishop são para sempre
As duas vão para o RJ. Lotta mostra a vista do apartamento para Bishop. As duas vão para uma festa e são recepcionadas por Lacerda.
Lotta e Bishop vão para a praia. Lotta brinca com crianças da beira da estrada. Bishop fotografa

e pede para irem pra casa.
Bishop observa as obras do estúdio. Diz que em EUA escrevia num canto escuro
O estúdio fica pronta. Lotta o apresenta a Bishop que diz que ele é perfeito e que vai ter que escrever coisas boas
Bishop recebe uma carta de Cal e diz que se encontravam no lago do Central Park. Lotta quer saber que encontros ela tinha com Cal. Diz que conheceu o lago com o pai e que costumava velejar com ele. Encerra dizendo que só tinha os barcos em comum
Bishop lava os cabelos de Lotta e começa a pensar um poema. Contraste da pele das duas. Bishop escreve bebendo uísque e fumando.
Lotta chama Bishop de Cookie pela primeira vez. Bishop penteia os <u>longos</u> cabelos de Lotta e ela fala uns versos do poema. Bishop se irrita pois não estava pronto. Lotta e Bishop se provocam e se jogam na cama
Chega a mesa do estúdio. L e B se provocam. Mudança de postura de Lotta com Bishop e os empregados. Bishop troca de lugar a mesa. Muitas caixas empilhadas. Bishop brinca com uma bússola
Bishop observa com um binóculo a chegada de um berço na casa da Mary e se embebeda.
Lotta encontra Bishop bêbada. Chama Mary ajudar levá-la para casa. Bishop pede remédio para parar de beber. As três se dão nomes do que serão da bebê: Lotta vó, Bishop tia por casamento e Mary mãe. Diz que odeia bebês
Lotta, Mary e Joana vão buscar o bebê Bishop vai visitar o quarto da bebê, brinca com as bonecas, senta numa cadeira e lembra da última vez que viu sua mãe sendo levada por uma ambulância. Chora de forma contida Lotta paga pela criança
Amigos de Lotta vão visitar Clara. Clara chora e ninguém consegue acalmá-la. Bishop tapa os ouvidos. Bishop aparece e fura a mamadeira fazendo com que Clara pare de chorar
Bishop escreve em seu estúdio arrumado. Termina North & South
Bishop fotografa Lotta e Clara brincando. Recebe um telegrama e hesita abrí-lo. Lotta toma a frente e abre. Anuncia que Bishop ganhou o Prêmio Pulitzer e beija Bishop. Mary sai com Clara
Lotta e Bishop vão ao palácio da Guanabara em uma festa em comemoração ao prêmio de Bishop. Bishop discursa sobre seu sentimento de se sentir estrangeira mas que se sente em casa no Brasil. José Eduardo é filmado. Bishop aponta o broche Calder. Lotta faz cara de NAO SEI AINDA
Carlos anuncia que vai ser candidato ao governo da Guanabara. José Eduardo cumprimenta Bishop e Lotta se retira. O pai de Lotta é um tanto desagradável com Bishop. No apartamento ambas conversam sobre Lotta ter como pai José Eduardo. As duas brindam, se insinuam e se beijam como comemoração ao prêmio ganho por Bishop. O telefone toca e Bishop atende. é Cal. Lotta fica visivelmente incomodada. Bishop conversa sobre poesia com Cal até tarde e quando vai pro quarto Lotta já está quase dormindo. Bishop conta que Aldoux Huxley gostou de

<p>seu livro, recita o poema dele dedicado à Lotta e diz que a ama, mas Lotta já dormiu</p>
<p>Lotta aparece enquanto Bishop está escrevendo e ela pede que a deixe escrever. Lotta sai imediatamente. Bishop lê uma correspondência que pede que escreva regularmente à The New York Times e diz que tem medo. Lotta avisa que Carlos pediu que ajude na campanha. Bishop diz que ele quer o dinheiro de Lotta mas depois nega</p>
<p>Carlos Lacerda é eleito. Bishop comenta com um embaixador sobre as gírias brasileiras. Durante a festa Lotta pede a Carlos o que pretende fazer com o aterro e dá a ideia de fazer um parque nos moldes do central park</p>
<p>Lotta se arruma para uma reunião com o governador</p>
<p>Lotta conta a Bishop que irá ser a responsável pelas decisões criativas e por supervisionar as obras. Bishop a parabeniza. As duas se beijam. Lotta conta que vai convidar Mary para trabalhar com ele já que a mesma precisa de dinheiro</p>
<p>As obras iniciam e Lotta é vista discutindo com Carlos sobre o tanque de nautimodelismo. Ela encerra a discussão decidindo que iriam construir o parque de nautimodelismo. Bishop chega com o almoço, mas Lotta recusa pois Mary já tinha feito</p>
<p>Bishop lê e bebe uísque com seu gato. Diz a Joana que não quer comer. Sai pela rua e pede três copos de cachaça num boteco. Lotta está chegando em casa quando um homem trás Elizabeth no colo completamente bêbada</p>
<p>Bishop tenta escrever e bebe uísque. Clara aparece a chama de tia e pergunta se ela está bebendo. Bishop discute com Mary sobre ela ter contado que ela bebe. Lotta precisa mandar que fiquem quietas</p>
<p>Bishop lê sobre a demissão de Jânio Quadros.</p>
<p>Lotta lê notícia no jornal que seu parque é elitista. Bishop alerta sobre os riscos de um golpe de estado e Lotta diz que apoia “que este é o processo da AL”. Lotta discute com Bishop quando ela propõe umas férias e diz que não vai desistir do seu país ou seu parque.</p>
<p>Bishop ouve no rádio sobre o golpe militar que depôs Jango. É anunciado que Lacerda apoia o golpe. Bishop telefona para Lotta preocupada e L diz que está no palácio comemorando. Bishop observa homens jogando bola na praia.</p>
<p>É realizado um jantar por Carlos Lacerda por ela ter ganho o National Book Award. No discurso ela fala suas impressões sobre os brasileiros que perderam sua liberdade com o golpe e que não pareceram se importar em comparação ao luto causado pelo assassinato de Kennedy nos EUA. Todos na mesa ficam desconfortáveis. Lotta fica brava pq no jantar estavam os amigos dela e os que trabalhavam com ela no aterro. Lotta fala que Bishop quer que ela seja indulgente, mas que não vai ser pq demonstraria falta de desdém. Diz que ela bebeu demais e deve ficar um tempo em Samambaia.</p>
<p>Bishop volta à Samambaia. Lotta volta do RJ e as duas ficam no outono. Bishop avisa que foi convidada para lecionar da Universidade de Nova Iorque. Lotta diz que é impossível e que precisa de Bishop no Brasil. Lotta se despede sob protestos de Bishop e avisa que vai voltar para o aniversário de Cookie.</p>

Bishop trabalha o dia todo preparando o jantar e arrumando a sala para quando Lotta fosse voltar. Enquanto espera ouve música e bebe todo o vinho da jarra vinho. Só Mary e Clara aparecem. Lotta teve reunião com Carlos. Bishop coloca uma música e dança enquanto bebe.

Lotta chega pela manhã com um buquê de flores, vê tudo arrumado e se assusta. Encontra Bishop deitada na banheira vazia com as roupas e a acorda. Lotta dá banho em Bishop e ela explica pq bebe: pelas coisas dando errado e também pelas coisas dando certo pq tem medo de perder. Bishop se abraça á Lotta e ela compadece.

As duas viajam para Ouro Preto em comemoração ao aniversário de Elizabeth. Lotta vê a luz da lua e diz que quer por estas luzes no seu parque. Lotta diz que quando voltarem da viagem quer que Elizabeth escreva um livro sobre o parque. Bishop diz que aceitou a proposta de dar aulas. Lotta fica muito brava e cobra de Bishop tudo que deu e sua postura distante. Lotta cobra Bishop por nunca ter dito eu te amo e ela diz que falou na noite que ganhou o Pulitzer. Lotta pergunta se Bishop acha que aguenta um semestre sem que ela a cuide. Diz que Bishop não aguenta viver sem ela e que vai dar aulas bêbada. Lotta faz uma representação de que como seria a primeira semana de aulas de Bishop bêbada e pedindo para que os alunos escrevam um soneto sobre como foder um relacionamento. Elizabeth vira as costas e sai andando. Lotta a xinga e vai beber no bar. Elizabeth arruma as malas e vai pra estação de trem, um bêbado oferece cachaça. Quando retorna ao hostel não encontra as malas de Bishop. Lotta corre até a estação e só chega quando o trem já partiu

Lotta retorna ao RJ e vê que Bishop foi para os EUA. Lotta explica à Mary o que falou para Bishop e Mary diz que ela não deve ir atrás de Bishop.

Bishop chega a Nova Iorque e conversa com Cal. Diz que está feliz em estar nos EUA e de vê-lo, mas que tem saudade de Lotta. Diz que as coisas entram no seu sangue.

Carlos entrega o primeiro artigo de José Eduardo após o derrame e que diz que “O Rio de Janeiro merece o parque”. Pergunta se Lotta o visitou no hospital e ela diz que não. Lotta mostra o croqui do poste para Carlos que aprova.

Elizabeth é apresentada aos colegas professores da universidade

Os postes são erguidos no parque e Lotta observa

Elizabeth se apresenta aos alunos e diz que não acredita que se possa ensinar poesia mas que pode ajudar os alunos a treinar o olho. Uma aluna a observa

Elizabeth leva a aluna para sua casa. A aluna lhe dá um livro

Carlos anuncia Lotta como a responsável pelas obras do parque. Mary e Clara estão na plateia. Lotta só consegue falar “obrigada por terem vindo”.

Carlos visita Elizabeth como exilado político. Lacerda conta que Lotta está internada. Elizabeth pergunta que tipo de hospital. Ele tenta desconversar mas diz que é um hospital psiquiátrico para tratar colapso nervoso e depressão.

Lotta escreve uma carta para Bishop admitindo que foi grosseira, que passou muito tempo para ela talvez a perdoar e pede para que responda a pelo menos uma das cartas. Diz que aceitou o conselho dela sobre o pai (que está com ela no hospital). Mary chega e Lotta lhe entrega a carta. Lotta pede uma caixa. Mary joga a carta no lixo

<p>Lotta corta os longos cabelos. Mary se assusta ao ver Lotta de cabelos curtos. Elizabeth chega ao Brasil para visitar Lotta. Bishop conversa com o médico que diz que é melhor que não a visite</p>
<p>Bishop e Mary conversam sobre Lotta. Mary diz que se Bishop voltar Lotta melhora, mas se ela partir de novo ela não vai aguentar</p>
<p>Bishop vai de táxi ao aeroporto. Para no meio do caminho e vai visitar o parque. Observa os postes de luz. Vê crianças jogando bola no parque de nautimodelismo vazio. Volta quando está escurecendo. Quando está embarcando no táxi as luzes do poste se acendem. Ela observa pela janela do carro</p>
<p>Lotta descobre que Bishop esteve no Brasil por Mary</p>
<p>Elizabeth está dormindo com a aluna quando Lotta liga e diz que quer a visitar. Conta que está bem e que tudo está de volta como era antes.</p>
<p>Bishop a espera no aeroporto. Lotta está bastante debilitada.</p>
<p>As duas chegam ao apartamento. Bishop oferece um chá. Lotta observa a decoração do apartamento. Lotta questiona Bishop por não ter respondido suas cartas, Bishop diz que nunca as recebeu e Lotta conclui que foi Mary. Cansada Lotta dorme no sofá, no colo de Bishop que vai dormir no quarto</p>
<p>Lotta acorda no meio da noite no sofá e vai atrás de Elizabeth. Deita ao seu lado e tenta beijar. Elizabeth diz que quer dormir</p>
<p>Lotta volta fumar na sala e quando senta no sofá sente um livro com dedicatória de Margaret para Bishop. Fica pasma</p>
<p>Elizabeth acorda de manhã e encontra Lotta deitada. Coloca suas mãos nas de Lotta e se assusta. Tenta acordar Lotta e ela não responde. Ela encontra um vidro de remédio. As luzes do parque se apagam. Elizabeth chora com Lotta deitada no seu colo enquanto se houve barulho de polícia ou ambulância</p>
<p>Bishop lê o poema UMA ARTE completo para Cal enquanto aparece Mary e Joana separando as coisas de Lotta. O barquinho de um menino afunda e ele quer entrar no lago para pegá-lo mas seu pai não deixa. Cal não fala nada e a abraça. O barco acaba de afundar</p>
<p>Música instrumental. Aparecem algumas citações sobre Bishop, a data de sua morte, a citação de que Bishop é considerada uma das maiores poetisas de língua inglesa, que o Rio de Janeiro foi considerado em 2012 Patrimônio da Humanidade e que o Parque do Flamengo é uma de suas principais atrações.</p>